

VIAJAR NO TEMPO DE D. AFONSO HENRIQUES. VIAS E PONTES NO TERRITÓRIO VIMARANENSE

FRANCISCO G. C. LÍBANO MONTEIRO FAURE*

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvida em torno do mosteiro edificado por instruções de D. Mumadona Dias em meados do século X, o qual se encontrava apoiado na segurança do castelo que, posteriormente, a mesma D. Mumadona Dias manda erigir, a urbe vimaranense deverá ter tido, é hoje um dado certo, alguma ocupação durante o período romano. Não sendo muitos os vestígios que atestem esta ocupação, e resultando, na sua grande maioria, de achados ocasionais nunca seguidos de trabalhos arqueológicos sistemáticos, eles patenteiam uma larga diacronia de ocupação do espaço que irá permanecer durante a Alta Idade Média sob o título de *villa Vimaraniensis*.

Ao crescimento vigoroso a que Guimarães assistirá durante os séculos XI e XII e à sua «precocidade urbana», para usar as palavras de Conceição Falcão Ferreira¹, não podem ser alheios, entre outros factores, a importância do cenóbio vimaranense, quer a nível local mas, também, regional, neste caso enquanto congregador de outros mosteiros seguidores de observâncias tradicionalistas², assim como os favores condais, nomeadamente a eleição do burgo como residência e «capital» administrativa do condado por D. Henrique e D. Teresa e, bem assim, a concessão da primeira carta de foral, em 1096. Terra de «dicotomias»³, entre as quais a exis-

* Arqueólogo, Câmara Municipal de Guimarães.

¹ FERREIRA, 2010: 109.

² MARQUES, 1988: 627.

³ FERREIRA, 2010: 104.

tência de duas vilas distintas é, talvez, a mais paradigmática⁴, e terra de «escolhas» senhoriais⁵, Guimarães constrói-se, também, com vontades locais e, se o papel dos condes tem que ser visto como essencial na cimentação de um centro urbano em crescimento, não é menos verdade que o foral de 1096 deve ser visto, mais do que como um ponto de partida, como um ponto de chegada. De facto, parafraseando Conceição Falcão Ferreira⁶, «um foral, só por si, não era garante de continuidade e evolução das funções económicas, que enformavam o carácter ‘urbano’ de uns quantos aglomerados».

Como forma de fomento das teias de relações que o desenvolvimento de Guimarães vai gerando, terão sido criadas um conjunto de vias e infra-estruturas viárias. O território encontrava-se já, desde época romana, munido de vias e pontes. No entanto, a idade média veio alterar substancialmente este quadro, passando-se das vias romanas, construídas de forma a servir um império e as suas capitais, para os «caminhos regionais, os que serviam populações e cidades próximas»⁷.

No presente estudo, procuraremos ver como se dá essa transição. Teremos que iniciar por uma breve análise das vias e pontes romanas, não obstante estarmos num encontro dedicado a D. Afonso Henriques⁸, para passarmos às medievais. Ainda que breve, essa abordagem seria sempre necessária, já que muitas dessas estruturas se mantiveram em funcionamento até aos nossos dias.

2. O SUBSTRATO ROMANO

Até à presente data, foram inventariadas no concelho de Guimarães 86 ocorrências arqueológicas enquadráveis em época romana⁹. Trata-se, na verdade, de um elevado número de sítios, ainda que esteja longe de ter sido feito um estudo capaz de permitir uma mais correcta compreensão da ocupação romana no território vimaranense, ao contrário da preocupação demonstrada pelos investigadores face à Idade do Ferro ou mesmo à Idade Média.

⁴ Vejam-se, a este respeito, sobretudo dois trabalhos de Conceição Falcão: *Guimarães: duas vilas um só povo* (FERREIRA, 2010) e *Uma rua de elite na Guimarães medieval* (FERREIRA, 1989).

⁵ FERREIRA, 2010: 110.

⁶ FERREIRA, 2010: 110.

⁷ ALMEIDA, [s.d.]: 138.

⁸ Não podemos deixar de agradecer aos senhores Prof. Doutor Mário Barroca e Dr.ª Isabel Maria Fernandes o convite para a apresentação deste trabalho.

⁹ Dados resultantes de trabalhos de campo e recolha bibliográfica levados a cabo no âmbito da revisão do Plano Director Municipal de Guimarães.

Destas mais de oito dezenas de ocorrências, há quatro que merecem, para já, especial atenção, pois prendem-se directamente com o sistema viário imperial. São elas: o Miliário de Sande S. Martinho, a ponte de Campelos, na freguesia de S. João de Ponte, a ponte de Negrelos, nas confrontações das freguesias de Lordelo e Moreira de Cónegos e, finalmente, a ponte do Arco de Pombeiro, em Serzedo.

Veremos de seguida, mais pormenorizadamente, cada um destes elementos.

2.1. Vestígios de rede viária romana

a. Miliário de Sande (Mapa 1, n.º 9)

O Miliário de Sande foi identificado inicialmente pelo Abade de Tagilde no ano de 1885¹⁰ e encontrava-se reutilizado nas escadas do pátio da residência paroquial de S. Martinho de Sande, local onde deveria ter sido colocado por volta de 1816¹¹. Foi, posteriormente, oferecido à Sociedade Martins Sarmento, ali se encontrando actualmente exposto e tendo-lhe sido atribuído o número de inventário SMS – 0078. A peça não está completa, devido às reutilizações, possuindo uma altura máxima de 1,14m e um diâmetro de cerca de 0,45m. A leitura, tal como sugerida por Sonia María García Martínez¹², é a seguinte:

[Imp(eratori) Caesari Ner]v[ae Trai]ano / A[ug(usto) Ger]m(anico) Dac(ico) / P[ont(ifice)
M]ax(im)o Trib(unicia) / P[ot(estate)] VIII Imp(eratori) IIII / C[o(n)s(uli) V] P(atri)
P(atriciae) / IIII

Inicialmente identificado como um marco pertencente à via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Aquae Flaviae*¹³, sabemos hoje que se trata, o miliário de Sande S. Martinho, de um dos 5 marcos conhecidos para o trajecto *Bracara – Tongobriga*, correspondente ao troço inicial da via *Bracara – Emerita Augusta*¹⁴.

b. Ponte de Campelos (Mapa 1, n.º 20 e Mapa 2, j)

Do conjunto das pontes antigas de Guimarães é, esta, uma das mais monumentais. De tabuleiro plano, as suas origens são claramente romanas, como também o

¹⁰ Sobre esta data, confira-se SARMENTO, 1901b:119, nota 2.

¹¹ GUIMARÃES, 1901: 67-68.

¹² GARCÍA MARTINEZ, 1995: 27.

¹³ CAPELLA, 1895: 118-119.

¹⁴ CARVALHO, 2008: 196.

atestam as diversas aduelas almofadadas que ainda permanecem nalguns dos arcos. Do lado montante, o pilar central possui um talhamar triangular.

O comprimento total da ponte é de cerca de 43,0m e a largura de 4,0m, sendo as guardas formadas por silhares graníticos paralelepípedicos regulares. Os dois arcos do lado direito são os que aparentam manter a sua traça original, apresentando, as 25 aduelas do arco ancorado à margem e as 31 daquele que se lhe segue, já no leito do rio, técnica de almofadado. O terceiro arco, com 27 aduelas, tem pedras almofadadas no lado jusante sendo as do lado montante resultado de uma obra posterior, pois a aduela chave mostra características distintas, sobressaindo face à circunferência externa do arco. Finalmente, o quarto arco, ancorado na margem esquerda, com 25 aduelas, parece ser de construção mais recente, sem recurso a almofadado e, do lado jusante, evidenciando nitidamente as aduelas contra-chave e a aduela chave.

Apesar de pouco sabermos, desde um ponto de vista estritamente arqueológico, sobre a zona onde está localizada esta ponte, ela deverá ter-se constituído como um local estratégico na travessia do Ave para o viajante que seguia a via *Bracara – Emerita*. Como já havia feito notar Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁵, e adiante veremos de forma mais pormenorizada, a partir deste ponto a via acabaria por seguir três trajectos distintos, um levando à ponte de Negrelos (Lordelo/Moreira de Cónegos), outro à ponte de Vizela e, o terceiro, à ponte do Arco de Pombeiro (Serzedo).

Encontramos, na documentação medieval, três referências directas à ponte de Campelos. Na primeira, que data de 957¹⁶ e numa outra, de 1059¹⁷, ela é nomeada como «ponte petrina». Já no séc. XII, em documento de 1162¹⁸, a ponte de Campelos é denominada como «ponte antiquum».

O nome de *ponte petrina*, pelo qual é mencionada nos dois primeiros documentos atrás referidos, deverá ter sido, aliás, o mais comum e duradouro, pois Francisco Xavier da Serra Craesbeeck¹⁹ designa-a como «ponte de S. João, ou Pedrinha». Craesbeeck²⁰ não parece, contudo, dar-lhe a devida antiguidade ou importância pois, ao descrever o traçado da *Via Militaris*, ao qual nos referiremos mais adiante, não a inclui no seu percurso.

¹⁵ ALMEIDA, 1968: 40-42.

¹⁶ V.M.H., P. I, VIII, p. 6.

¹⁷ V.M.H., P. I, XLV, pp. 47 e 48.

¹⁸ V.M.H., P. I, CII, p. 90.

¹⁹ CRAESBEECK, 1992: 83.

²⁰ CRAESBEECK, 1992: 55-64.

Referências directas ou indirectas à ponte de Campelos podem encontrar-se, ainda, noutros autores. Diz-nos, na sua *Corografia Portuguesa*, o Pe. António Carvalho da Costa²¹:

Da ponte de Donim se desce à ponte de Sam João, que tem este nome, por estar situada na freguesia de Sam João da Ponte, termo de Guimaraens (...) & pella ponte de S. João se acha tambem estrada direita para a mesma Cidade [de Braga], & para a Villa de Barcellos pello lugar, que chamão a Veiga do Penso.

Também o Pe. Torquato de Azevedo²², nas suas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, nos fala, ao descrever o rio Ave, desta ponte:

Continuando este rio [Ave] sua corrente distancia de legoa e meia, tem a ponte de S. João, que por hir já engrossado com os regatos de Caldellas, e de Sande, é a dita ponte maior que as antecedentes, e tem quatro arcos largos, e facilita o caminho desta villa para a de Barcellos.

c. Ponte do Arco de Pombeiro (Mapa 1, n.º 61 e Mapa 2, l)

A ponte do Arco de Pombeiro, assim chamada devido à proximidade do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, é uma ponte de origem romana, ainda que sejam evidentes as alterações levadas a cabo em período medieval, nomeadamente ao nível do tabuleiro, dando-lhe um perfil em leve cavalete. Dos seus dois arcos, o maior possui diversas aduelas almofadadas dentre o conjunto das cerca de 35²³. O arco da margem esquerda, de vão significativamente inferior e de volta perfeita, é de construção provavelmente medieval, possuindo, pelo menos, 19 aduelas.

Do lado montante vê-se um talhamar adossado ao pilar que divide os dois arcos. O tabuleiro possui um comprimento de cerca de 32,0 m e uma largura rondando os 3,0 m. A via é formada por um lajeado granítico executado com lajes de dimensão variável mas tendencialmente rectangulares e dispostas perpendicularmente ao eixo da ponte. Este lajeado assenta directamente sobre os dois arcos. As guardas da ponte são formadas por silhares graníticos, dispostos irregularmente, contrastando, desta forma, com o aparelho pseudo-isódomo da secção estrutural da ponte.

²¹ COSTA, 1706: 114.

²² AZEVEDO, 2000: 495-496.

²³ Neste e noutros casos ao longo do presente texto não poderemos referir sempre com certeza o número de aduelas já que, pelas condições em que algumas destas pontes se encontram, por assoreamento, vegetação infestante ou outras razões, as mesmas nem sempre são visíveis.

Craesbeck²⁴, tal como fizera com a ponte de Campelos, não inclui a ponte de Pombeiro no seu traçado da Via Militaris. Carlos Alberto Ferreira de Almeida²⁵ coloca esta ponte como parte da via que, saindo de Braga e passando pela ponte de Campelos, se dirigia a Castro Daire e Viseu, atravessando o Douro abaixo do Freixo, no local de Porto Antigo.

Sobre a ponte do Arco de Pombeiro, diz-nos o Pe. Torquato de Azevedo²⁶ na sua descrição do rio Vizela:

e correndo [o Vizela] a sul pela freguesia de Galães chega á honra de Cepães, donde meia legoa de distancia vai dividir o termo desta villa do couto de Pombeiro, aonde tem a ponte de arcos de pedra do nome do dito couto, aonde ha muita passagem para Castella, e provincia de Traz-os Montes.

O Pe. Carvalho da Costa²⁷ também a ela se refere, da seguinte forma:

No Couto de Pombeiro acha o rio Avizella franqueada a sua passagem para o Vendaval com a ponte do Pombeiro de pedra lavrada, ao pé da serra de Sãta Catherina, da parte do Sul.

d. Ponte de Negrelos (Mapa 1, n.º 71 e Mapa 3, m)

Ponte de origem romana, com 3 arcos e tabuleiro plano, encontra-se nos limites dos concelhos de Guimarães e Santo Tirso, tendo sido alvo de restauro recente e de um estudo levado a cabo por Álvaro B. Moreira²⁸. Nos arcos, de volta perfeita, podem ver-se diversas aduelas almofadas, atestando a sua construção inicial romana. O arco central, mais pequeno e de 31 aduelas, tem um vão de 6,5m, ao passo que os arcos laterais apresentam um vão de 7,5m e 33 aduelas. O tabuleiro da ponte mede cerca de 32,0m de comprimento por 3,0m de largura.²⁹ Protegendo os pilares da ponte, do lado montante encontram-se dois talhamares e, a jusante, os respectivos esporões servindo-lhes de contraforte.

Esta ponte foi alvo de diversas reformas, nomeadamente durante a Idade Média, tal como o atestam as diversas pedras sigladas ali patentes³⁰. Além destas, encontra-se gravada na aduela chave do primeiro arco da margem direita, do lado

²⁴ CRAESBECK, 1992: 55-64.

²⁵ ALMEIDA, 1968: 40-41.

²⁶ AZEVEDO, 2000: 500.

²⁷ COSTA, 1706: 116.

²⁸ MOREIRA, 2006.

²⁹ As medidas e número de aduelas apresentadas, são retirados do estudo efectuado por Álvaro Moreira, 2006.

³⁰ ALMEIDA, 1968: 188-189; MOREIRA, 2006: 8-10.

jusante, uma inscrição que, segundo Álvaro Moreira³¹, fará referência ao mestre responsável pelas obras, de seu nome João Anes.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida³², a primeira referência documental à ponte de Negrelos encontra-se cerca de 980 sendo, então, nomeada como «Ponte Lapidea». Nos monógrafos que temos vindo a acompanhar, os comentários a esta ponte são breves. O Pe. Carvalho da Costa³³ descreve-a como tendo «muita ventagem na grandeza» e Torquato de Azevedo³⁴ refere o facto de esta ser ponte «muito nomeada».

2.2. Hipóteses sobre as vias romanas no concelho de Guimarães

Os elementos correspondentes ao sistema viário romano sobre o qual nos acabámos de debruçar evidenciam a existência de duas realidades distintas no concelho de Guimarães, realidades essas que encontram na ponte de Campelos o seu ponto de charneira. De facto, a Norte desta ponte apenas possuímos um elemento que permite identificar a passagem de uma via, o miliário de Sande S. Martinho, ao passo que, no Sul, as pontes de Negrelos e do Arco de Pombeiro, às quais obrigatoriamente temos que associar a ponte das Caldas de Vizela (que, ainda que não faça parte do actual território vimaranense, se enquadra numa via que por aqui passava), exigem a existência de pelo menos três vias distintas.

Porque não possuímos, pelo menos até ao momento, conhecimento de vestígios de uma calçada romana preservada no concelho, tentar definir o traçado das vias a uma escala grande como aquela em que estamos a trabalhar obriga a uma análise territorial que tem que ultrapassar, em larga medida, os quatro elementos até agora apresentados. Assim, e no sentido de compreender melhor este sistema viário, ensaiámos uma leitura da dispersão dos sítios romanos no concelho de Guimarães. Desta forma, sobre o mapa do concelho marcámos os pontos referentes às ocorrências arqueológicas romanas cartografáveis (v. Mapa 1 e Tabela 1, na qual se listam os sítios correspondentes) e aumentámos um pouco a sua visibilidade criando uma circunferência com um raio de 250m em torno de cada um deles. Esta acção permitiu inferir a existência de uma série de grupos que aparentavam maior proximidade ou mesmo, nalguns casos, a formação de «corredores» de ocupação. Desenhámos, então, uma trama que permite ler todos os sítios que se encontram

³¹ MOREIRA, 2006: 8-10.

³² ALMEIDA, 1968: 189.

³³ COSTA, 1706: 116.

³⁴ AZEVEDO, 2000: 501.

a uma distância inferior a 1500m entre si. O resultado desta análise foi a identificação de 18 grupos de ocorrências arqueológicas enquadradas no período romano.

Não nos ateremos, aqui, a cada sítio ou grupo de forma individual, já que é nossa preocupação, no presente trabalho, estudar o sistema viário medieval e, por outro lado, porque temos que olhar para este exercício como um ponto de partida para investigações futuras. Na verdade, e como já tivemos oportunidade de dizer, à falta de uma melhor caracterização dos sítios/ocorrências romanas cartografadas, esta análise tem que ser considerada como preliminar. Estamos, além disso, conscientes de algumas das fragilidades desta metodologia. Em primeiro lugar, alguns dos sítios da Idade do Ferro poderão ter tido ocupação em época romana mas, destes, apenas a Citânia de Briteiros foi, até ao momento, escavada intensivamente, pelo que não incluímos os restantes. Em segundo lugar, há manchas que estão obviamente distorcidas ou demonstram uma realidade não constatada arqueologicamente. Incluímos, neste caso, a mancha das ocorrências localizadas na área da cidade de Guimarães. Sendo a área do concelho onde, por razões óbvias, tem havido uma maior actividade arqueológica, não possuímos, até ao momento, provas de uma ocupação romana nesta zona que nos autorize a ter confiança nos dados da cartografia. De facto, as ocorrências com os números 40 e 43 correspondem a epígrafes que devem ter sido reutilizadas na construção dos edifícios medievais ou modernos mas que podem ter a sua origem num só sítio arqueológico, eventualmente localizado na área da cidade, mas para o qual não sabemos dar, ainda, uma localização exacta. Desta forma, ao invés de termos dois pontos cartografados, seria talvez mais correcto ter apenas um, situação que daria lugar a uma mancha mais reduzida. Também por isso, e porque acreditamos estar perante reutilizações de peças para as quais não conhecemos origem exacta, não respeitámos a distância de 1500m entre os pontos 43, 45 e 46, razão pela qual os grupos H e L não se encontram unidos.

Situação semelhante poderá acontecer com as ocorrências 37 a 39, localizadas na freguesia de Urgezes. Contudo, não tendo havido trabalhos sistemáticos com resultados publicados até ao presente nesta zona, não sabemos até que ponto estaremos perante um só sítio com ocorrências de materiais ao longo do monte. Já no caso da Ara de Trajano (n.º 7) e Termas das Taipas (n.º 8), a situação é inversa. Não temos dúvida de estar perante um mesmo sítio arqueológico, de dimensões consideráveis, pois os vestígios cartografados encontram-se *in situ*, facto que levaria a que os inventariássemos com apenas um número. Mas ao não sabermos as dimensões exactas do sítio, nomeadamente se o Penedo de Trajano se encontrava inserido num povoamento mais largo ou na sua periferia, optámos por manter os dois números de forma a dar uma leitura mais exacta deste local.

Não obstante estas dificuldades, pensamos poder, desde logo, avançar com algumas ideias sobre as vias romanas que passavam pelo actual concelho de Guimarães.

Em primeiro lugar, parece ser evidente a existência de um corredor de ocupação, orientado sensivelmente de Noroeste para Sudeste. Começa no grupo C, com o Miliário de Sande S. Martinho, cuja localização original deveria estar um pouco mais para Este, no lugar de Quatro Irmãos, e prolonga-se pelos grupos D e F, isto é, por Caldelas e S. João de Ponte. Depois, seguiria pelo grupo H, por Fermentões, Silvares, Creixomil e Urgezes, passando, portanto, a Sudoeste da actual cidade de Guimarães. O corredor prolonga-se pelo grupo I, por Abação e Gémeos, terminando em Serzedo, na ponte do Arco de Pombeiro (n.º 70). Note-se, contudo, que prolongámos artificialmente este último grupo, já que entre o Castro da Boavista (n.º 60) e a ponte do Arco de Pombeiro há uma distância superior aos 1500m por nós inicialmente estabelecidos. Não obstante, parece óbvia a relação desta ponte com o grupo I.

Este grande corredor deve estar relacionado directamente com a passagem da via *Bracara – Emerita*, podendo, assim, dar uma ideia mais aproximada do seu trajecto. Sabemos que a via *Bracara – Emerita* atravessava a Falperra³⁵ dirigindo-se a Sta. Cristina de Longos e, daí, a Sande S. Martinho. Aqui surgiria a primeira bifurcação da via, em local que não podemos precisar mas que, pensamos, seria entre Sande S. Martinho e Sande S. Clemente. A primeira via seguia directamente para as Caldas das Taipas, em Caldelas. Aqui, a travessia do Ave deveria fazer-se por barco ou a vau. A esta passagem, próximo da ponte moderna que actualmente ali existe, obriga-nos a referência à calçada romana da Ínsua, em S. João de Ponte, na outra margem. Daqui a via passaria próximo da Igreja de S. João de Ponte, chegando então à zona de Fermentões. O troço que abandonámos em Sande S. Martinho não é tão fácil de identificar, dado que não possuímos assentamentos que permitam uma identificação do seu traçado, mas deveria dirigir-se à Ponte de Campelos onde atravessava o Ave. Daqui, rapidamente chegava a Fermentões, onde voltaria a entroncar com a variante das Caldas das Taipas, provavelmente nas cercanias dos sítios de Sezite (n.º 26) e Paço (n.º 27). Passava, então, próximo da Covilhã (n.º 44), em Fermentões e depois por Creixomil e Urgezes, onde o aparecimento dos Sátiros no sitio da Parede (n.º 49), hoje depositados na Sociedade Martins Sarmiento, parecem apontar para uma ocupação de algum relevo. Dirigia-se a via, finalmente, a Abação, Calvos e Serzedo, onde encontrava a ponte do Arco de Pombeiro.

Seguimos, para a via *Bracara – Emerita*, o traçado proposto por Carlos Alberto Ferreira de Almeida³⁶. Na verdade, nem todos os autores são concordantes com esta

³⁵ ALMEIDA, 1968: 40.

³⁶ ALMEIDA, 1968: 40-41.

hipótese colocando, Helena Paula Abreu de Carvalho³⁷, na esteira de outros, a via como seguindo directamente das Caldas das Taipas às Caldas de Vizela e Meinedo.

É, ainda, a esta via que Craesbeeck³⁸ se refere ao descrever o traçado da «sexta via militar». Segundo este autor, a via saía de Braga, atravessava a Falperra e, passando pelo lugar de Quatro Irmãos, chegava a Caldelas. Aí se fazia a travessia do Ave a vau, chegando a Guimarães, à Praça de Santiago. Desta praça, seguia pela Rua da Caldeiroa, passava pela Ermida de Nossa Senhora dos Remédios (em Urgezes), ia pela Fornalha, em S. Tomé de Abação, depois por Gémeos, atravessando o rio Vizela em Vila Fria, a vau ou por um pontilhão de madeira assente «sobre paredões de pedra»³⁹. Como tivemos já oportunidade de referir, não dá, este autor, a importância devida às pontes de Campelos e do Arco de Pombeiro. Se no caso da primeira estrutura ela é omissa já no da segunda é veemente a sua exclusão como elemento pertencente ao traçado da via. De facto, diz-nos Francisco Xavier da Serra Craesbeeck⁴⁰:

passava-se o rio Visella não no çitio onde hoje está a Ponte de Pombeiro, mas sim mais para o meio dia, de frente da freguesia de Santa Maria de Villafria, e a vao, como ainda hoje se passa.

Não discutiremos, aqui, os argumentos apontados por Craesbeeck para afirmar que a via romana passava pelo coração da cidade de Guimarães. Conforme temos vindo a dizer, é nossa opinião que esta via passaria a Ocidente, por Creixomil e Urgezes, servindo, sem dúvida, um habitat romano localizado na área urbana de Guimarães, de tipologia desconhecida, mas que lhe seria periférico.

A forte concentração de vestígios arqueológicos na zona de Creixomil, Urgezes, Mascotelos e Candoso, identificada no grupo J, sugere-nos uma ocupação importante desta zona do território. Este grupo poderá corresponder à área onde se localizavam as variantes à via Bracara – Emerita que se dirigiam a Viseu, por Vizela, e Porto, por Negrelos. A ausência de sítios arqueológicos de cronologia romana na zona de Nespereira, aliada à curta extensão de território vimaranense entre Polvoreira e Vizela, levanta, no entanto, dúvidas ao local de passagem das vias.

No primeiro caso, cremos que a via passaria a Noroeste da Igreja de Nespereira e, daí, a Conde e Moreira de Cónegos, onde encontraria a ponte de Negrelos. Há, no entanto, uma outra hipótese de passagem desta via, a qual se prende com a dispersão de sítios na zona Sudoeste do concelho, identificada nos Grupos P, Q e

³⁷ CARVALHO, 2008: 196.

³⁸ CRAESBEECK, 1992: 55-64.

³⁹ CRAESBEECK, 1992: 57.

⁴⁰ CRAESBEECK, 1992: 57.

R. Se atendermos à possibilidade da existência de um eventual corredor formado pelos grupos G e P, é possível que, também do nó formado entre Sezite e Paço, se dirigisse uma via para Sudoeste. Passando por Silvares e Selho S. Jorge, a travessia do Selho poderia ser feita imediatamente em Selho S. Cristóvão. Daí passaria a Serzedelo onde voltaria a bifurcar. Um troço seguiria pela Capela de S. Bartolomeu em direcção a Riba d’Ave e outro, para sul, passaria por Guardizela, Lordelo, atravessando o Vizela na Ponte de Negrelos. É esta, de alguma forma, a opinião de Adelino Abreu⁴¹ que, ao seguir a tradição local, diz que a estrada romana passaria a NW de S. Martinho de Candoso, ligando os lugares do Rebotto e Batoca.

No caso da via que se dirige a Vizela, é possível que, ainda do nó formado no grupo J, ela partisse em direcção a Polvoreira e, daí, seguisse ou directamente para Sul, por Infias, ou passando pelo povoado do Campo das Penhas (n.º 74), em Tabuadelo. Este troço corresponderia, então, à passagem da via *Bracara – Emerita* sugerida por Helena Carvalho a que anteriormente aludimos.

Finalmente, uma última via é sugerida pelos grupos L e M, no eixo Azurém – Gonça. Neste caso, supomos que a via seguiria, sensivelmente, o traçado da actual estrada nacional, mantendo uma cota de declive pouco acentuado e permitindo, desta forma, chegar facilmente ao Norte do território.

Tabela 1. Ocupação Romana no Concelho de Guimarães⁴²

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia ⁴³
1	Igreja de Sta. Leocádia de Briteiros	Briteiros, Sta. Leocádia	Epígrafe	ALARCÃO, 1988, n.º 1/242; CARVALHO, 2008, II, n.º 3084301; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 18.
2	Pedrais	Longos	<i>Villa.</i>	CARVALHO, 2008, II, 3082703.
3	Ribas	Briteiros, Sto. Estêvão	Epígrafe	PDM (1994) ⁴⁴ , n.º 41.
4	S. Martinho	Barco	Necrópole.	SARMENTO, 2004, pp. 41-42.
5	Ponte Nova	Barco	Forno de <i>tegulae.</i>	SARMENTO, 1999, pp. 25-26.

⁴¹ ABREU, 2009.

⁴² A presente tabela inclui apenas os sítios para os quais foi possível obter alguma precisão cartográfica.

⁴³ A bibliografia aqui apresentada é, necessariamente, sumária, devendo-nos remeter para a bibliografia, por vezes extensa, citada nos inventários aqui referidos, nomeadamente os de Jorge de Alarcão (ALARCÃO, 1988), Helena Carvalho (CARVALHO, 2008) e Armando Coelho Ferreira da Silva (SILVA, 1986).

⁴⁴ PDM – Plano Director Municipal de Guimarães.

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
6	Souto	Caldelas	Habitat com ocorrência de colunas e tijolos.	PDM (1994), n.º 5.
7	Penedo de Trajano	Caldelas	Inscrição honorífica a Trajano.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/257; CARVALHO, 2008, II, n.º 3080801; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 17.
8	Termas de Caldelas	Caldelas	Termas	ALARCÃO, 1988, n.º 1/257; CARVALHO, 2008, II, n.º 3080801.
9	Miliário de Sande	Sande, S. Martinho	Marco Miliário.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/253; CAPELLA, 1895, pp. 118-119; CARVALHO, 2008, II, n.º 3085801; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 27.
10	Rocha	Sande, S. Martinho	Habitat.	SARMENTO, 1999, pp. 35 e 222.
11	Quinta da Mogada	Sande, S. Clemente	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/255; CARVALHO, 2008, II, n.º 3084901.
12	Monumento do Paço	Oleiros	Habitat com vestígios de hipocausto.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/241; CARVALHO, 2008, II, n.º 3083301; SARMENTO, 1901a, p. 21-25; SARMENTO, 1999, p. 218-219.
13	Pena	Brito	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, n.º 1/299; CARVALHO, 2008, II, n.º 3080702; SARMENTO, 1999, pp. 402-403.
14	Senhora do Barreiro	Vermil	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, n.º 1/300; CARVALHO, 2008, II, n.º 3087001; SARMENTO, 1999, p. 73.
15	Igreja de Ronfe	Ronfe	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/304; CARVALHO, 2008, II, n.º 3084001; GARCÍA MARTINEZ, 1995, pp. 12-13; SARMENTO, 1901a, p. 17.
15	Igreja de Ronfe II	Ronfe	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/304; CARVALHO, 2008, II, n.º 3084001; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 16.
16	Calçada Romana da Ínsua	S. João de Ponte	Via	PDM (1994), n.º 2.
17	Ribeira	S. João de Ponte	Forno.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/261; CARVALHO, 2008, II, n.º 3083803; PINA, 1928.
18	Igreja de S. João de Ponte I	S. João de Ponte	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 259; CARVALHO, 2008, II, n.º 3083802.

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
18	Igreja de S. João de Ponte II	S. João de Ponte	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/260; CARVALHO, 2008, II, n.º 3083802; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 16.
19	Rua Campo das Cartas, 58	S. João de Ponte	Achados diversos. Sítio indeterminado.	-
20	Ponte de Campelos	S. João de Ponte	Ponte	ALMEIDA, 1968, p. 40.
21	Segade	Prazins, Sta. Eufémia	Sítio indeterminado.	-
22	Sta Eufémia	Prazins, Sta. Eufémia	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/256; CARVALHO, 2008, II, n.º 3084201; SARMENTO, 1999, p. 407.
23	Igreja de Prazins Sto. Tirso	Prazins, Sto. Tirso	Habitat.	SARMENTO, 1999, p. 389.
24	Igreja de Corvite	Corvite	Epígrafe	-
25	Penedo da Pena	Fermentões	Povoado.	SARMENTO, 1999, p. 403.
26	Sezite	Fermentões	Habitat.	SARMENTO, 1933, p. 525.
27	Paço	Fermentões	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/262; CARVALHO, 2008, II, n.º 3081501.
28	Igreja de Silvares	Silvares	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, n.º 1/301; CARVALHO, 2008, II, n.º 3086802; SARMENTO, 1999, p. 393 e 413; SARMENTO, 2004, p. 92.
29	Vale de Mouros	Gonça	Habitat.	SARMENTO, 1999, p. 408; SARMENTO, 2004, p. 49.
30	Santiais	S. Torcato	Habitat.	PDM (1994), n.º 17.
31	Vilar	S. Torcato	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/266; CARVALHO, 2008, II, n.º 3086502; SARMENTO, 1999, p. 478.
32	Arnado	S. Torcato	Povoado.	SARMENTO, 2004, p. 50.
33	Senhora do Bom Despacho	Gominhães	Habitat.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/258; CARVALHO, 2008, II, n.º 3081901; SARMENTO, 1999, p. 361.
34	Ordinária	S. Torcato	Sítio indeterminado. Apareceu uma <i>falera</i> .	CARDOZO, 1964, p. 75, nota 4.
35	Quinta de Aldão	Aldão, S. Mamede	Epígrafe.	SARMENTO, 1999, p. 216.

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
36	Sítio do Boquinho	Aldão, S. Mamede	Nichos escavados na rocha.	SARMENTO, 1999, p. 424 e 427; SARMENTO, 2004, p. 60.
37	Quinta do Assento	Azurém	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	Identificado por Alexandre A. Lima, em 2006.
38	Monte de São Pedro	Azurém	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 2004, p. 61.
39	Pegada	Azurém	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 2004, p. 61.
40	«Casa de Levio»	Oliveira do Castelo	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/302; CARDOSO, 1926; CARVALHO, 2008, II, n.º 3000308; GARCÍA MARTINEZ, 1995, pp. 16 e 17; SARMENTO, 2004, p. 57.
41	Quinta de Gorpilhães	Costa	Achados diversos.	SARMENTO, 1999, pp. 423 e 425. SARMENTO, 2004, p. 58.
42	Liceu de Guimarães	Oliveira do Castelo	Vestígios de conduta.	Inventariado pelo IPA com o CNS: 6321
43	Rua de São Paio, 122	Oliveira do Castelo	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/302; CARVALHO, 2008, II, n.º 3000308; GUIMARÃES, 1901, p. 55; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 14.
44	Covilhã	Fermentões	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 1999, p. 76.
45	Atougua	Creixomil	Terra Sigilata Hispânica ⁴⁵	SARMENTO, 1999, pp. 222 e 368.
46	Igreja de Creixomil	Creixomil	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, n.º 1/303; CARVALHO, 2008, II, n.º 3081301; GARCIA MARTINEZ, 1995, pp. 18-19; SARMENTO, 2004, p. 63.

⁴⁵ Esta peça encontra-se depositada no Museu da Sociedade Martins Sarmento com o número de inventário MSA-2278.

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
46	Igreja de Creixomil II	Creixomil	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 2004, p. 63.
47	Vaca Negra	Urgezes	Duas campainhas.	-
48	Igreja de Urgezes	Urgezes	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 2004, p. 63.
49	Parede	Urgezes	Elementos escultóricos.	SARMENTO, 1999, p. 369.
50	Bugalhós de Cima	Mascotelos	Habitat.	SARMENTO, 1999, p. 25 e 81-82. SARMENTO, 2004, p. 66.
51	Picoto de Santo Amaro	Mascotelos	Castro romanizado	CARVALHO, 2008, II, nº 3082901; GUIMARÃES 1970a e 1970b.
52	Chãos	Candoso, S. Tiago	Epígrafe	Inventariado pelo IPA. CNS: 6951.
53	Pedra da Moura	Candoso, S. Martinho	Nicho e ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 1999, p. 376. SARMENTO, 2004, p. 74.
54	Senhor dos Seródios	Costa	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, nº 1/317; CARVALHO, 2008, II, nº 3081201; SARMENTO, 2004, p. 59.
55	Veiga	Mesão Frio	Habitat.	ALARCÃO, 1988, nº 1/316; CARVALHO, 2008, II, nº 3083001.
56	Veigas	Infantas	Povoado.	ALARCÃO, 1988, nº 1/319; CARVALHO, 2008, II, nº 3082401; SARMENTO, 2004, p. 46.
57	Campo do Cruito	Abação, S. Tomé	Sítio indeterminado. Inscrição e capitéis.	ALARCÃO, 1988, nº 1/321; CARVALHO, 2008, II, nº 3086402; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 19; SARMENTO, 1999, pp. 38-39; SARMENTO, 2004, p. 40.
58	Devesa Escura	Abação, S. Tomé	Local de habitat indeterminado e sepultura.	ALARCÃO, 1988, nº 1/320; CARVALHO, 2008, II, nº 3086401; PINA, 1930, p. 96-107.
59	Alegria	Abação, S. Tomé	Necrópole de inumação.	SARMENTO, 1999, p. 348. SARMENTO, 2004, p. 41 - 42.

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
60	Castro da Boavista	Gémeos	Povoado Romano	Identificado por Ricardo J. Teixeira em 2000. Foi escavado por Pedro Brochado de Almeida.
61	Ponte do Arco de Pombeiro	Serzedo	Ponte.	ALMEIDA, 1968, p. 40. ⁴⁶
62	Igreja de S. Jorge de Selho	Selho, S. Jorge	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 1999, p. 184.
63	Mata	Selho, S. Cristóvão	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 1999, p. 182.
64	Campo dos Pinheiros	Serzedelo	Epígrafe	ALARCÃO, 1988, nº 1/309; CARVALHO, 2008, II, nº 3086601; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 11; SARMENTO, 1999, pp. 355-356.
64	Cidade de Pedraúca	Serzedelo	Epígrafe e <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, nº 1/309; CARVALHO, 2008, II, nº 3086601; SARMENTO, 1999, pp. 355-356; SARMENTO, 2004, pp. 75-76.
65	Residência Paroquial de Serzedelo	Serzedelo	Epígrafe	ALARCÃO, 1988, nº 1/309; CARVALHO, 2008, II, nº 3086601; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 15; SARMENTO, 2004, p. 76.
66	Capela de S. Bartolomeu	Serzedelo	Epígrafe	GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 15.
67	Outeiro do Combro	Gandarela	Habitat.	PDM (1994). Nº 20.
68	Igreja de Gandarela	Gandarela	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	ALARCÃO, 1988, nº 1/311; CARVALHO, 2008, II, nº 3081701; SARMENTO, 2004, p. 80.
69	Igreja de Guardizela	Guardizela	Habitat.	ALARCÃO, 1988, nº 1/312; CARVALHO, 2008, II, nº 3082301; SARMENTO, 1999, p. 178; SARMENTO, 2004, pp. 86-87.

⁴⁶ Carlos Alberto Ferreira de Almeida identificou esta ponte, erradamente, com o nome de Vila Fria. Na verdade, o topónimo Vila Fria localiza-se mais para SW do lugar do Arco, aquele onde se localiza a ponte. Além disso, como já tivemos oportunidade de ver, em Vila Fria não havia ponte, tal como nos informa Craesbeeck (CRAESBEECK, 1992:57).

Nº	Nome	Freguesia	Tipo de Sítio	Bibliografia
70	Moure (Vela)	Moreira de Cónegos		ALARCÃO, 1988, p. 17.
71	Ponte de Negrelos	Lordelo	Ponte	ALMEIDA, 1968, pp. 41-42. MOREIRA, 2006.
72	Monte de Baço de Boi	Conde	Sítio indeterminado. Ocorrência de <i>tegulae</i> .	SARMENTO, 1999, p. 431
73	Igreja de Polvoreira	Polvoreira	Sítio indeterminado.	PDM (1994). Nº 33.
74	Campo das Penhas	Tabuadelo	Habitat.	SARMENTO, 1999, p. 354. SARMENTO, 2004, p. 38.
75	Igreja de S. Faustino	S. Faustino	Epígrafe.	ALARCÃO, 1988, nº 1/323; CARVALHO, 2008, II, nº 3085101; GARCÍA MARTINEZ, 1995, p. 14; GUIMARÃES, 1901, p. 46.
76	Santa Marinha da Costa	Costa	Achados diversos	ALARCÃO, 1988, nº 1/317; CARVALHO, 2008, II, nº 3081201.
77	Citânia de Briteiros	Briteiros S. Salvador	Povoado de altura	ALARCÃO, 1988, nº 1/243; CARDOZO, 1990; CARVALHO, 2008, nº 3084101; SILVA, 1986, nº 80.

3. AS VIAS E PONTES MEDIEVAIS NO TERRITÓRIO DE GUIMARÃES

Analisadas as vias romanas que atravessavam o território de Guimarães, análise essa que, nunca será demais repetir, é um exercício que tem como base dados muito incipientes, cumpre-nos encetar, agora, o estudo das vias e das pontes medievais de Guimarães, o tema central deste trabalho.

Se, no caso anterior, nos detivemos maioritariamente nos vestígios materiais que ainda hoje subsistem, somos, agora, obrigados a olhar para um conjunto de dados mais diversificado. Por um lado, temos as pontes propriamente ditas e que são, sem sombra de dúvida, o testemunho mais directo da passagem de uma via por determinado local dado que fazem, também elas, parte da própria via. Por outro lado, temos a documentação medieval que, para a zona de Guimarães, é extensa e que, por vezes, nos dá informações directas ou indirectas sobre as vias. Neste caso, olharemos com especial atenção os *Vimaranis Monumenta Historica*. Somos, ainda, obrigados a trabalhar a cartografia, quer no sentido de tentar relocalizar sítios mencionados na documentação, quer no de procurar soluções de passagem ausentes das fontes.

3.1. Pontes

a. *Ponte do Arco de S. João* (Mapa 2, a)

Pequena ponte localizada nos limites do concelho de Guimarães com Felgueiras, sobre o rio Vizela, o seu perfil apresenta guardas formando cavalete e um só arco ligeiramente apontado. O tabuleiro, hoje com piso plano devido a recentes trabalhos de terraplanagem que provocaram alterações no terreno envolvente, deveria ter um perfil acompanhando o das guardas e, por isso, também em cavalete. O arco tem quase 9,0m de vão e a largura do tabuleiro é de cerca de 2,0m.

Na documentação compulsada não se encontram referências a esta ponte. Claramente medieval, a ponte do Arco de S. João deveria ser uma pequena ponte local que permitia fazer a ligação entre as povoações de Serzedo (Guimarães) e Fareja (Fafe) com Jogueiros, já no concelho de Felgueiras. A proximidade da ponte do Arco de Pombeiro não permite afirmar que, aqui, se desse a passagem de uma via principal.

b. *Ponte do Soeiro* (Mapa 2, b)

Ponte atravessando o rio Selho, de dois arcos e tabuleiro em leve cavalete, bastante arruinada. O arco Norte, na margem direita do Selho, tem um vão significativamente menor do que o arco Sul. O tabuleiro tem um comprimento de cerca de 19,0m e uma largura de 3,70m. No pilar central da ponte, do lado jusante, nota-se um ligeiro ressalto formado pelas duas primeiras aduelas de ambos os arcos, ressalto esse que permite um espessamento do pilar e, portanto, a criação de uma maior base de assentamento do mesmo, proporcionando uma melhor estabilidade estrutural. Devido à vegetação infestante abundante, não nos foi possível verificar a existência de uma solução semelhante no lado montante mas acreditamos que a mesma se repita já que não há vestígios de talhamar.

A Ponte do Soeiro terá as suas origens na Idade Média, ainda que em período difícil de determinar pois não possuímos, para ela, qualquer fonte escrita que a referencie. Torquato de Azevedo⁴⁷ fala-nos dela de forma meramente enunciativa e Carvalho da Costa⁴⁸, ao descrever os percursos dos rios Selho e Selhinho a partir dos Sumes, diz-nos:

dahi vão sahir à Freguesia de Sercedello, termo de Barcellos, & passando por baixo da ponte de Soeiro de pedra lavrada, se metem rio Ave abaixo da ponte de Servas, conservando o nome de Celho.

⁴⁷ AZEVEDO, 2000: 498.

⁴⁸ COSTA, 1706: 115.

Também a ela se refere o Pe. Caldas⁴⁹, da seguinte forma:

e assim reunidos [o Selho e o Selhinho] escondem-se debaixo da terra no lugar de Sumes, freguesia de S. João de Gondar, correndo ocultos por espaço de mais de seiscentos metros até à freguesia de Serzedelo, no termo de Barcelos, onde tem ainda a ponte do Soeiro, de pedra lavrada, indo confundir-se no Ave, abaixo da ponte de Servas.

Tratando-se de uma ponte de pequenas dimensões, ela permitia a ligação quase imediata à Ponte de Servas (Gondar). Nesse sentido, permite uma via de ligação entre esta outra ponte e a de Negrelos, ou seja, entre a via que, do litoral, se dirigia a Guimarães e a que, do Porto, se dirigia a Guimarães/Braga.

c. Ponte de Servas (Mapa 2, c)

Ponte de quatro arcos com origens medievais mas, actualmente, bastante adulterada. Os pilares correspondentes aos três arcos assentes no leito do rio são protegidos, do lado montante, por dois talhamares e, do lado jusante, pelos respectivos contrafortes também em forma de talhamar. Tem, actualmente, cerca de 54,8m de comprimento por 6,0m de largura.

As consecutivas adulterações que foram levadas a cabo sobre esta ponte não nos permitem fazer, uma correcta caracterização da estrutura medieval. A sua construção deverá ter sido encetada por volta de 1185, como o atesta o testamento de D. Fernando Martins⁵⁰. Em 1258, nas Inquirições de D. Afonso III, é-lhe feita a referência como «ponte vetera»⁵¹, o que parece ser contraditório com os cerca de 70 anos de vida que, atendendo à data do testamento referido, esta estrutura deveria ter.

Sobre as vias que esta ponte serviria falam-nos diversos autores. Craesbeeck⁵² informa-nos que por aqui passava a «Via Régia» de ligação a Barcelos. Carvalho da Costa⁵³, faz-lhe a seguinte referência:

Desce este rio Ave da ponte de S. João à ponte de Servas, que dista de Guimaraens huma legoa para o Poente, & por ella tem comunicação para Villa nova de Famalicão, Villa de Barcellos, & do Conde, que nella divide o seu termo do de Guimaraens a Villa de Barcellos.

⁴⁹ CALDAS, 1996: 144.

⁵⁰ ALMEIDA, 1968: 194.

⁵¹ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 259.

⁵² CRAESBEECK, 1992: 83.

⁵³ COSTA, 1706: 114.

O Pe. Torquato e Azevedo⁵⁴, por seu lado, menciona-a durante a sua descrição do Ave nos seguintes termos:

Correndo o rio abaixo da ponte de S. João uma legoa, tem a ponte das Servas, distante desta villa uma legoa grande, e ali se divide seu termo do da villa de Barcellos e dá caminho de uma para outra, e para a de Villa Nova de Famelicão, e para a do Conde.

d. Ponte da Pisca (Mapa 2, d)

Na freguesia de Creixomil, sobre o Selho, encontra-se esta pequena ponte de dois arcos e tabuleiro em cavalete. O arco do lado esquerdo do rio é mais pequeno e quase de volta perfeita, sendo possível ver-se, apesar do assoreamento, 14 aduelas. O arco maior, apontado, é formado, dentro do que nos é possível ver actualmente, por 31 aduelas. O tabuleiro, com cerca de 2,0 m de largura e 15,0m de comprimento, não tem guardas e a via é formada por lajes graníticas irregulares mas tendencialmente rectangulares. As lajes da via assentam sobre o arco pequeno mas, já no caso do arco grande, correm no seu interior e são limitadas pelas aduelas chave e contra-chave.

Não possuímos informações sobre as origens desta ponte, mas sabemos que ela já era referida nas inquirições de 1258 como «Ponte de Silio»⁵⁵. Tal como Mário Barroca⁵⁶, não encontramos razões para, contrariamente ao sugerido por Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁵⁷, duvidar das origens medievais desta estrutura.

Durante os finais da Idade Média, mas mais certamente durante a Idade Moderna, ficou esta ponte conhecida como Ponte da Senhora da Luz ou do Miradouro. Tal nome adveio-lhe do facto de, nas suas proximidades, no lugar do Miradouro, se encontrar uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Luz. Diz-nos o Pe. Carvalho da Costa⁵⁸:

Da ponte de Caneiros faz o rio Celho sua guarida para o Vendaval, aonde em espaço de meya legoa lhe tem franqueado a passagem a ponte do Miradouro, & por outro nome a ponte da Senhora da Luz; porque quem faz jornada da Villa de Guimaraens, & sahe pela sua porta de S. Domingos para a Vila de Conde, segue a estrada de S. Lazaro para o lugar do Miradouro, aonde está situada a Capella de Nossa Senhora, & junto da sua porta vay passar esta ponte, & continuando seu caminho em distancia de huma legoa, se acha na ponte de Servas do rio Ave.

⁵⁴ AZEVEDO, 2000: 496.

⁵⁵ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 245.

⁵⁶ BARROCA, 2000: 3-5.

⁵⁷ ALMEIDA, 1968: 194.

⁵⁸ COSTA, 1706: 115.

Sobre a ponte da Pisca, diz-nos, ainda o Pe. Torquato de Azevedo⁵⁹:

Abaixo da dita ponte de Caneiros tem este rio a ponte de Celho, ou da Senhora da Luz, a cuja ermida está vizinha, e dá passagem a quem sahe desta villa pela porta de S. Domingos, ou do Toural para Villa do Conde e Villa Nova de Famalicão, que ao depois vão passar à ponte de Servas no rio Ave.

Finalmente, dela faz menção, também, o Pe. Ferreira Caldas⁶⁰:

Daqui [Caneiros] desliza-se até o lugar da Pisca, onde passa pela nova ponte, que serve à estrada de Guimarães a Famalicão; e logo a pouca distância tem uma outra ponte, antiga, de pedra e de um só arco, como a vizinha⁶¹.

e. Ponte de Caneiros ou Roldes (Mapa 2, e)

Trata-se de uma pequena ponte com dois arcos, de tabuleiro ligeiramente arqueado, permitindo a travessia do Selho na freguesia de Fermentões. Possui cerca de 3,0m de largura e 17,0m de comprimento.

Os dois arcos, ligeiramente apontados, possuem dimensões sensivelmente semelhantes, ainda que aquele que se encontra ancorado na margem esquerda aparente ser ligeiramente mais pequeno. O piso da ponte é formado por um lajeado granítico, de forma tendencialmente rectangular mas irregular, disposto perpendicularmente ao eixo longitudinal da ponte e sobressaindo levemente face à largura da estrutura. As guardas são formadas por blocos graníticos paralelepípedicos.

Não descortinámos, na documentação medieval compulsada, informações sobre esta estrutura, ainda que, tal como no caso da ponte da Pisca, não tenhamos dúvidas em considerá-la medieval.

Ao descrever o rio Selho, diz-nos Carvalho da Costa⁶²:

Abaixo da ponte da Madre de Deos dá passagem a este rio a ponte de Caneiros de pedra lavrada, situada na Freguesia de Santa Eulalia: tambem muitos lhe chamão a ponte de Nossa Senhora da Conceição, porque quem sahe de Guimaraens pela sua porta da Santa Luzia para a Cidade de Braga, passa pela porta desta Senhora, donde a poucos passos chega à ponte de Caneiros.

⁵⁹ AZEVEDO, 2000: 498.

⁶⁰ CALDAS, 1996: 144.

⁶¹ Ainda que esta descrição possa aparentar carecer de algum rigor, dado que o autor apenas menciona um só arco, devemos fazer notar que este facto se pode prender com os assoreamentos a que, muitas vezes, estas estruturas estavam sujeitas. Tal situação repertir-se-á na descrição das pontes de Caneiros e S. Lourenço de Selho.

⁶² COSTA, 1706: 115.

Constata-se, por esta passagem que, tal como no caso anterior, também a ponte de Caneiros recebeu, talvez já em época moderna, o nome de Nossa Senhora da Conceição, o qual advém do facto de a via que serve se passar junto à capela com aquela invocação.

À ponte de Caneiros faz, ainda, a seguinte menção Torquato de Azevedo⁶³:

Continuando o rio Celho sua corrente para poente tem a ponte de Caneiros de pedra lavrada, que está na estrada que vae da porta de S. Luzia desta villa para a cidade de Braga, pela qual se vae passar o barco da Taipa no rio Ave, assim como a ponte de S. João está na estrada que vae da mesma porta de Santa Luzia para a villa de Barcellos.

Finalmente, diz-nos o Pe. Pereira Caldas⁶⁴:

Continuando este rio [Selho] a sua corrente para poente passa na ponte velha de Caneiros e, poucos metros abaixo, na ponte nova do mesmo nome, ambas de pedra e de um só arco⁶⁵.

f. Pontilhão do Carvalhal (Mapa 2, f)

Entre os locais do Barregão e Carvalhal, fazendo fronteira entre as freguesias de Azurém e Penselo, encontra-se um pequeno pontilhão, de tabuleiro plano, formado por lajes graníticas colocadas longitudinalmente e assentes em quatro pilares que terminam, a montante, em forma de talhamar.

Não se trata, este pontilhão, de uma estrutura caracteristicamente medieval, nem tão pouco temos, para ele, qualquer datação directa que nos possa atestar a sua medievalidade. Contudo, as Inquirições de 1258 referem a existência em Penselo de uma «Vinea pontis»⁶⁶, topónimo que o compilador dos *Vimaranis Monumenta Historica* relaciona directamente com este pontilhão do Carvalhal⁶⁷.

Tal como as pontes do Arco de S. João (Serzedo) e do Soeiro (Serzedelo), deve tratar-se, esta estrutura, de parte de uma via de ligação local, permitindo a travessia do Selho.

g. Ponte de S. Lourenço de Selho (Mapa 2, g)

Na freguesia de S. Lourenço de Selho localiza-se esta pequena ponte, com cerca de 2,5m de largura e 20,0m de comprimento.

⁶³ AZEVEDO, 2000: 497.

⁶⁴ CALDAS, 1996: 144.

⁶⁵ A respeito do número de arcos, veja-se acima a nota 12.

⁶⁶ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 280.

⁶⁷ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 280, Nota 1.

A ponte, com a parte mais antiga fazendo denotar claramente o tabuleiro em cavalete, possui dois arcos. O arco na margem norte (direita) do Selho é mais pequeno e encontra-se assoreado. Este assoreamento deve ter sido um problema constante ao longo dos tempos pois, quando em 1881 o Pe. António José Ferreira Caldas⁶⁸ faz a descrição do Selho e menciona esta ponte, refere a existência de um só arco⁶⁹:

No lugar de Penouços juntam-se-lhe as águas do ribeiro de Caíde, e assim mais enriquecido, chega à freguesia de S. Lourenço de Riba de Selho, onde tem uma ponte de pedra lavrada, aberta num só arco e recentemente construída.

A ponte de S. Lourenço de Selho permitia o acesso a S. Torcato e às freguesias do Nordeste de Guimarães. Por ela passava, igualmente, a via que se dirigia a Póvoa de Lanhoso e que vencia o Ave na Ponte de Donim. Dela nos diz o Pe. Carvalho da Costa⁷⁰:

Fazendo estas no lugar de Penouços hum corpo, dirigirão seu curso para o Poente, e chegando à Freguesia de S. Lourenço de riba de Celho, alli lhe deu passagem a sua ponte de pedra lavrada, que chamão a ponte da Madre de Deos, por estar visinha da Capella de Nossa Senhora, que está situada entre o Poente, e a Villa; e quem vay para o Mosteiro de S. Torcato, Concelho de Roças, e Vieira, sahindo de Guimaraens pela sua ponte de Santa Barbara, tem a estrada corrente pella porta desta Capella, e ponte.

Torquato de Azevedo⁷¹, por seu turno, regista a ponte de Serzedelo nos seguintes termos:

Chegando à freguezia de S. Lourenço de Riba de Celho, que dista desta villa para nascente meio quarto de legoa, ali tem um aponte de pedra lavrada, chamada da Madre de Deus, por estar vizinha à sua capell, e dá caminho a quem sahe desta villa pela porta de Santa Barbara para os concelhos de Roças, e Vieira, e é estrada publica para o poente de Domingoterres no rio Ave.

À semelhança das pontes da Pisca e Caneiros, também à ponte de S. Lourenço de Selho foi dado o nome da invocação de uma capela próxima. Note-se, contudo, que só terá ganho o nome de Madre de Deus a partir do séc. XVI, pois a fundação da capela com essa invocação ter-se-á dado por essa altura⁷².

⁶⁸ CALDAS, 1996: 144.

⁶⁹ Já tivemos oportunidade de referir esta situação anteriormente quando tratámos das pontes da Pisca e Caneiros (v. notas 12 e 13).

⁷⁰ COSTA, 1706: 115.

⁷¹ AZEVEDO, 2000: 497.

⁷² CALDAS, 1996: 376.

h. Ponte de Donim (Mapa 2, h)

Ponte sobre o rio Ave, no Norte do concelho, e localizada nas confrontações das freguesias de Donim e Souto Sta. Maria. É, com a ponte de Serves, uma das duas pontes medievais de grandes dimensões construídas no concelho de Guimarães.

De tabuleiro plano, bastante adulterado por diversas obras de beneficiação, as guardas deverão ser modernas pois um conjunto significativo delas possuem chanfro. Destaque, ainda, para o facto de, nos topos das pedras que constituem as guardas, poderem ser encontradas, com frequência, cruzes inscritas, entre elas uma cruz de lorena, assim como um provável «tabuleiro» de jogo igualmente gravado. O primeiro arco do lado esquerdo possui um vão de 6,6m e é formado por 34 aduelas, dispostas num sistema de 17+1+16. A aduela chave do lado jusante e uma outra, no intradorso, possuem siglas de canteiro. O segundo arco, com 11,8m, o mais largo, possui 50 aduelas, dispostas na sequência 24+1+25. O terceiro arco, com 9,4m de vão, é formado por 43 aduelas numa formulação de 21+1+21. O quarto arco, ancorado na margem direita, possui características totalmente distintas aos restantes. De volta perfeita, o seu vão é de 2,7m e as suas 15 aduelas estão dispostas numa sequência de 7+1+7. No intradorso do arco são visíveis diversas siglas de canteiro tendo, a mais representada, a forma de um S invertido⁷³.

No saimel norte do quarto arco, do lado jusante, encontra-se a seguinte inscrição em caracteres carolinos: *Era M CC(?) XXX*. O segundo C está parcialmente destruído devido a uma perfuração realizada durante as últimas obras de beneficiação desta estrutura. Por isso, a sua leitura poderia ser, também, L, facto que nos levanta dúvidas sobre se a data inscrita corresponderá à era de 1180 ou 1230 (1142 ou 1192).

Estamos convencidos de que esta inscrição comemorará o fim da construção da ponte românica o qual, não obstante as dúvidas que a inscrição levanta, deverá ter ocorrido em 1192. De facto, o início da edificação da ponte deverá ter-se dado por volta de 1178 pois, nesse ano, João Lourenço declara no seu testamento deixar «ad ponte de aue de Sauto I. pedreiro unum mensem» (V.M.H., P. II, CXIX, p. 98). Esta ponte sobre o Ave e localizada em Souto corresponderá àquela que hoje denominamos como ponte de Donim. O legado de um mês de trabalho de um pedreiro para a edificação da ponte leva-nos a acreditar que, por essa altura, ou a ponte já se encontrava construção ou a obra estaria prevista para muito breve.

Ao descrever o Ave, diz-nos Carvalho da Costa⁷⁴:

⁷³ Para uma descrição mais completa desta ponte, consulte-se o trabalho por nós anteriormente organizado *Ponte de Donim. Algumas notas de cariz arqueológico-histórico* (FAURE, 2006).

⁷⁴ COSTA, 1706: 114.

Descendo desta ponte para o Poente se topa na ponte de Donim, que dá serventia da Villa de Guimaraens para o Concelho de Lanhoso: he ferosa ponte de pedra lavrada, & esta junto a ella huma Capella de S. Bento de muita romagem, aonde no seu dia se faz uma festa de muitos gados⁷⁵.

E Torquato de Azevedo⁷⁶ refere-se-lhe nos seguintes termos:

Continuando o dito rio [Ave] sua corrente duas legoas da ponte de Domingoterres chegando a Donim, que ficva desta villa duas legoas para norte, se fez ali uma ponte igual à de que fallámos, a qual está junto da capella de S. Bento, aonda no dia do Santo ha uma grande feira, e a ponte dá comunicação desta villa de Guimarães para a da Povoia⁷⁷.

i. Ponte do Turio (Mapa 2, i)

Ponte de um só arco, sobre o Rio Pequeno. O tabuleiro é plano, com uma forte pendente para Oeste, onde a cota do terreno é visivelmente mais baixa. Do lado montante apresenta ainda algumas pedras que faziam parte das guardas. Também deste lado, uma série de silhares dispostos em quarto de círculo e adossados ao estribo protegem a ponte dos detritos levados pelo rio. Junto ao estribo do lado Este, a jusante, quase ao nível do tabuleiro, desemboca um canal de irrigação

A ponte tem um comprimento máximo de cerca de 19,0m e a largura do tabuleiro ronda os 3,20m. O vão do arco, tanto quanto é possível averiguar, é de cerca de 6,0m e as suas 27 aduelas estão dispostas simetricamente formando uma sequência de 13+1+13.

Trata-se de uma pequena ponte que permite a ligação entre as zonas Sul das freguesias de Arosa e Castelões, assim como com as povoações da zona Noroeste do concelho de Fafe.

3.2. Os dados da documentação

Depois de termos olhado para os principais vestígios materiais que assinalam a passagem de vias medievais na área do actual concelho de Guimarães, atentaremos, agora, num outro conjunto de dados, mormente os que se prendem com a estrutura do território desde o século X. Utilizaremos como base de trabalho a organização paroquial de Guimarães. Trata-se de uma rede de paróquias bastante

⁷⁵ COSTA, 1706:114.

⁷⁶ AZEVEDO, 2000: 495.

⁷⁷ AZEVEDO, 2000:495.

larga, tendo nós identificado um total de 92 (ainda que nem todas contemporâneas), distribuídas por todo o concelho, atestando a intensa ocupação deste espaço.

O estudo destas paróquias e das suas origens foi já alvo de trabalho levado a cabo pelo Pe. Avelino de Jesus da Costa⁷⁸. Por essa razão, não nos ateremos a elas com especial atenção servindo, para nós, como base de análise espacial. Tal como fizemos com os sítios romanos, sintetizamos na Tabela 2 um conjunto de informações que nos serão úteis para tentar averiguar os pontos de passagem das principais vias medievais de Guimarães. São, maioritariamente, dados provenientes da documentação publicada nos *Vimarianis Monumenta Historica* ou nos censuais medievais.

Tabela 2. Paróquias e Povoamento Medievais do Concelho de Guimarães

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental ⁷⁹	Referências a Vias e Aposentadoria ⁸⁰	Observações e Bibliografia ⁸¹
1	Abação, S. Cristóvão	1058		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 170.
2	Abação, S. Tomé	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 170.
3	Airão, S. João Batista	Séc. XI		Bibl: 1. Censual de Entre Lima e Ave (COSTA, 1959, V. II, p. 28 – 29); COSTA, 1981, p. 171.
4	Airão, S.ta Maria	Séc. XI		Bibl: 1. <i>Censual de Entre Lima e Ave</i> (COSTA, 1959, V. II, p. 28); COSTA, 1981, p. 170.
5	Aldão, S. Mamede	1059		Nas Inquirições de 1220 aparece como «heremita Sancti Mametis de Aldam» (V.M.H., P. II, CXCIV, p. 138). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 171.

⁷⁸ Cf. COSTA, 1959 e COSTA, 1981.

⁷⁹ Esta primeira fonte documental pode referir-se directa ou indirectamente à paróquia.

⁸⁰ Incluímos, aqui, os direitos de jantar inscritos nos censuais medievais de Braga e de Guimarães e Montelongo (COSTA, 1959).

⁸¹ A bibliografia apresentada é, necessariamente, sumária. Com os números 1 e 2 irá descrita a bibliografia para cada uma das colunas *Data da primeira fonte documental* e *Referências a vias e aposentadoria*, respectivamente.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
6	Arosa, S.ta Marinha	1258		Não obstante esta data (1258), note-se que, provenientes de Arosa, se encontram elementos arquitectónicos visigóticos no Museu Alberto Sampaio (COSTA, 1981, pp. 138 e 171) Bibl: 1. «ville que vocatur Fradelos et sunt omnes parrochiani Sancti Cosmati de Garffi et Sanctu Johannis de Castellanis et Sancti Juliani de Celafao». Inq. 1258 (V.M.H., P. II, CCLIX, pp. 253 – 254)
7	Atães, Stª Maria	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 171-172.
8	Azurém, S. Pedro	959	a) 1223 – «carrariam que ducit ad castelum» e «via que vadit super queirales»; b) 1258 – «via vetera» e «via de Amorosa».	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 171. 2. a) V.M.H. P. II, CCI, p. 190. b) V.M.H., P. II, CCLIX, p. 226.
9	Balazar, S. Salvador	1195	1220 – «Et in uno casali quod habet ibi monasterium de Loomar debet Prestamarius pausare».	O sítio de Santa Marta, na Falperra, onde se localizava um castelo roqueiro (BARROCA, 2004, p. 184-185), é contíguo a esta freguesia. Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 172. 2. V.M.H., P. II, CXCIV, p. 141.
10	Barco, S. Cláudio (de Arçuçanes)	1059	«porto de sancti claudii»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 172. 2. V.M.H., P. I, XLV, p. 49.
11	Briteiros, S. Salvador	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 172-173.
12	Briteiros, S.ta Leocádia (Palmeira)	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 173.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
13	Briteiros, S.to Estêvão (do Campo)	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 173
14	Britelo, S. Pedro (Incorporada em S. Salvador de Briteiros)	1074		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 56; COSTA, 1981, p. 172.
15	Brito, S. João	1047	a) O Censual de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia. b) «viam veteram». c) «Et de Quintana de Paazao (...) est ibi pausa domini terre».	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 173. 2. a) COSTA, 1959, V. II, p. 26. b) V.M.H., P. II, LXXXIX, p. 82. c) V.M.H., P. II, CXCIV, p. 142.
16	Caíde, S.ta Cristina (Incorporada em Atães)	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, pp. 171-172 e 174.
17	Caldelas, S. Tomé	1059	a) O Censual de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia. b) «portum auis»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 174. 2. a) COSTA, 1959, V. II, 58. b) V.M.H., P. II, CCXL, p. 211.
18	Calvos, S. Lourenço	1050		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 175.
19	Candoso, S. Martinho	926	«in Serra jacet una uessada subtus uiam»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 175. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 238.
20	Candoso, S. Tiago	950	«Et in Quintana est pausa Regis»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 175. 2. V.M.H., P. II, CXCIV, p. 145.
21	Castelões, S. João Batista	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 176.
22	Cerzedo, S. Miguel	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 176.
23	Conde, S. Martinho	950		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 176.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
24	Corvite, Stª Maria	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 177.
25	Costa, Stª Marinha (Laurosa)	Séc. VI	a) «carraria que uadit (...) usque ad uilar» b) «subtus viam de Lamario»	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 323). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 138 e 177. 2. a) V.M.H., P. II, CXLV, p. 110. b) V.M.H., P. II, CCLIX, p. 243.
26	Creixomil, S. Miguel	926	«stratam»; «Careiro [carreiro] vetero»; «viam finis de vigia»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 177. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 244.
27	Donim, S. Salvador	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 178.
28	Ermida de S. Simão (Incorporada em S. Faustino)	1220		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 242.
29	Fermentões, Stª Eulália	950	a) «In casali ubi habitat Menendus Gunsalvi est pausa Prestamarii»; b) «Viam covam»; «Vie cova»; «super viam»; «de via»; «in Bausis super viam»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 178. 2. a) V.M.H., P. II, CXCIV, p. 148. b) V.M.H., P. II, CCLIX, pp. 250-251.
30	Figueiredo, S. Paio de	924	«castenario de carreiro»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 178. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 252.
31	Gandarela	1038		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 178-179.
32	Gémeos, Stª Maria	1045	«carvalium carraria»; «stratam pro ad Palumbarium»; «per stratam quomodo vadit ad unam covam de Chorenti»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 179. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 256.
33	Gominhães, S. Pedro Fins	950	a) «strata». b) «viam de Recoy».	Bibl: 1. Costa, 1981, p. 179. 2. a) V.M.H., P. II, CXI, p. 94. b) V.M.H., P. II, CCLIX, p. 258.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
34	Gonça, S. Miguel	1220		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 179-180.
35	Gondar, S. João Batista	1058		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 180.
36	Gondomar, S. Martinho	999		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 180.
37	Guardizela	1220		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 180.
38	Infantas, Stª Maria	Séc. XI		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 181.
39	Lamas, Stª Eulália (Incorporada em S. Tomé de Caldelas)	Séc. XI		Bibl: 1. Censual de Entre Lima e Ave: COSTA, 1959, V. II, p. 59.
40	Lanhas, S. Paio de (Incorporada em Airão S.ta. Maria)	Séc. XI		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 27; COSTA, 1981, p. 170.
41	Leitões, S. Martinho de Portela	1059	«uia antiqua»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 183. 2. V.M.H., P. I, LXIII, p. 68.
42	Lobeira, S. Cosme e Damião (Incorporada em Atães)	950	«viam»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 183. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 269.
43	Longos, S.ta Cristina	1075	O Censual de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 183-184. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 55.
44	Lordelo, S. Tiago	1220		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 184.
45	Mascotelos, S. Vicente	1149		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, 246.
46	Matamá, S.ta Maria (Incorporada em Infantas)	950	«carraria de agro de petro»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 184-185. 2. V.M.H., P. I, XXIX, p. 31.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
47	Mesão Frio, S. Romão	1021	«uiam publicam que uadit ad sanctu Romanum»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 185. 2. V.M.H., P. II, CI, p. 89.
48	Moreira de Cónegos, S. Paio	961	«carraria»	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 321). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 185-186. 2. V.M.H., P. I, XII, p. 13.
49	Nespereira, S.ta Eulália	943		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 186-187.
50	Niscra, S. Bartolomeu (Incorporada em Serzedelo)			Bibl: 1. V.M.H., P. II, CXCIV, p. 174.
51	Oleiros, S. Vicente	924	«carraria antiqua»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 187. 2. V.M.H., P. I, II, p. 2.
52	Oliveira, S.ta Maria	950		Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 321). Castelo roqueiro, fundado por D. Mumadona Dias, no Monte Latito. (Barroca, 2004, pp. 190, 184-185) Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 180.
53	Paraíso, S. Miguel de (Negrelos) (Incorporada em Selho, S. Jorge)	880	«in Requiza fecerunt domos in via et proicierunt viam per Regalengum Domini Regis»	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 321). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 187-188. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 276,
54	Penselo, S. João	908		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 188.
55	Penteeiros, S.ta Eulália (Incorporada em S. Cipriano de Tabuadelo)	1058		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 188.
56	Pinheiro, S. Salvador	959		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 189.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
57	Polvoreira, S. Pedro	Séc. XI	«viam vetera de Ladroeira»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 189. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 284.
58	Ponte, S. João Batista	911		Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 321). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 189.
59	Pousada, S.ta Maria (Incorporada em S. Salvador de Balazar)	1089	O Censal de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 172. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 54.
60	Prazins, S.ta Eufémia	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 190.
61	Prazins, S.to Tirso	950	«carraria que vadit pro ad Sancti tirsi»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 190. 2. V.M.H., P. I, XLI, p. 40.
62	Rendufe, S. Romão	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 190.
63	Ronfe, S. Tiago	1033	O Censal de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 190-191. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 29.
64	Ruivós, S. Pedro (Incorporada em S. Clemente de Sande)	1072		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 191.
65	S. Faustino	1220		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 234.
66	S. Félix ou Mourição (Incorporada em S.ta Cristina de Longos)	Séc. XI	a) «debet pausare Dominus terre»; b) «pausa de Rico homine»	Bibl: 1. COSTA, 1959, Vol. II, p. 55; COSTA, 1981, pp. 183-184. 2. a) V.M.H., P. II, CXCIV, p. 154. b) V.M.H., P. II, CCLIX, p. 269.
67	S. Martinho (Incorporada em S.ta Cristina de Longos)	Séc. XI		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 56; COSTA, 1981, pp. 183-184.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
68	S. Martinho (Incorporada em Vila Nova de Sande)	994		Mosteiro (conf. MARQUES, 1990: 321) Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 192.
69	S. Miguel (Incorporada em S.ta Maria da Oliveira)	1216	«viam directam que vadit ad Monasterium Coste»; «petram magnam que stat inter ambas vias»; «viam que vadit inter chousam Martini Pelagii»	Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p.248. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, Pp. 260-261.
70	S. Paio	1216		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p.252
71	S. Pedro do Monte (Incorporada em Serzedelo)	1220		Não cartografada. Bibl: 1. V.M.H., P. II, CXCIV, p. 174.
72	S. Sebastião	Séc. XIV		Bibl: 1. Ferreira, 2010, p. 683.
73	S. Tiago (Incorporada em S.ta Maria da Oliveira)	1121		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 245.
74	S. Torcato	950	a) «et Prestamarius pausat in casalibus ipsorum Maiordomum»; «et est pausa Maiordomis». b) «jacet super viam»; «jacet subtus Viam de Galilea»; «est hospicium prestamarii»; «Rua merdaria»	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 321). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 193. 2. a) V.M.H., P. II, CXCIV, p. 163. b) V.M.H., P. II, CCLIX, p. 293-294.
75	Sande, S. Clemente	1080		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 191.
76	Sande, S. Lourenço	959	Casal da Carreira	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 191. 2. V.M.H., P. II, CCLXXXVIII, p. 359 e CCLXXXVI, p. 373.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
77	Sande, S. Martinho	1096	O Censual de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Castelo roqueiro localizado no Monte do Outinho (<i>Mons Autino</i>). (BARROCA, 2004, pp. 184-185.) Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 191-192. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 54.
78	Selho, S. Cristóvão	1038		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 193.
79	Selho, S. Jorge	1052	«Carreiro»; «via»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 193-194. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 297.
80	Selho, S. Lourenço	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 194.
81	Serzedelo, S.ta Cristina	950		Castelo roqueiro localizado no “Mons Caballus”. (BARROCA, 2004, p. 184). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 176
82	Sever, Stª. Maria (Incorporada em S. Martinho de Sande)	Séc. XI		Bibl: 1. COSTA, 1959, V. II, p. 53; COSTA, 1981, p. 191-192.
83	Silvares, S.ta Maria	926	a) «uai per carreira antiqua». b) «viam»; «carreirim de cruce»	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 194. 2. a) V.M.H., P. I, LIII, p. 59. b) V.M.H., P.II, CCLIX, p. 301.
84	Souto, S. Salvador	950	O Censual das Terras de Guimarães e Montelongo refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990, p. 322). Bibl: 1. COSTA, 1981, pp. 194-195. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 221.
85	Souto, S.ta Maria	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 195.
86	Stª Luzia (Incorporada em S. Paio)	Não determinada		Bibl: 1. COSTA, 1959, p. 243.

Nº	Paróquia	Data da Primeira Fonte documental	Referências a Vias e Aposentadoria	Observações e Bibliografia
87	Tabuadelo, S. Cipriano	950	Casal da Carreira	Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 195. 2. V.M.H., P. II, CCLXXVIII, p. 361.
88	Urgezes, S.to Estêvão	926	«super viam»; «stratam Portus»	Bibl: 1. COSTA. 1981, p. 196. 2. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 309.
89	Vermil, S. Mamede	1033		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 196.
90	Vila Juste, S. Miguel (Incorporada em Ronfe)	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 191.
91	Vila Nova de Sande, S.ta Maria	960	O Censual de Entre Lima e Ave refere a obrigação de um jantar para esta paróquia.	Mosteiro (conf. MARQUES, 1990: 322). Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 192. 2. COSTA, 1959, V. II, p. 52.
92	Xisto, Stª Lucrecia (Incorporada em S. Torcato)	1059		Bibl: 1. COSTA, 1981, p. 193.

Da análise dos dados reunidos na Tabela 2, podemos retirar, desde logo, algumas conclusões.

Em primeiro lugar, as vias são utilizadas frequentemente como identificadores de limites de propriedade. Demos, a título de exemplo, dois casos localizados na paróquia de S. Torcato (nº 74) onde aparecem as menções *subtus* e *super viam*. Por outro lado, as vias são identificadas, por vezes, com o nome do seu local de destino, quer este seja mais ou menos próximo. Como exemplos, demos apenas os de Urgezes (nº 88), onde aparece uma *stratam Portus*, a estrada do Porto, e de Matamá (nº 46), onde a *carraria de agro de Petro* não pode referir-se senão a um topónimo local. As vias podem ser, ainda, qualificadas quanto à sua maior idade. É o que acontece com a *carreira antiqua*, em Silvares (nº 83), ou a *viam veteram de Ladroeira*, em Polvoreira (nº 57).

Por diversas razões, as vias foram sofrendo alterações ao seu traçado. Vejamos dois casos interessantes relatados nas Inquirições de 1258, dizendo o primeiro respeitante a Gémeos e o segundo a S. Miguel de Negrelos:

*et in ipso loco subtus carvalium carraria que ibat per Regalengum ipse Petrus Subjerii predictus de Briteiros misit ipsam viam in sua vinea, et fecit viam per alium locum per Regalengum*⁸²;
*dixit quod in Requiza fecerunt domus in via et proicierunt viam per Regalengum Dominis Regis*⁸³.

A plantação de uma vinha, no primeiro caso, e a construção de uma casa, no segundo, originaram alterações ao traçado original das vias e, nos dois casos, a sua restituição, que aparentemente terá sido levada a cabo por iniciativa dos próprios autores do acto, foi feita em detrimento dos reguengos. Não temos conhecimento das consequências directas deste acto, deixando a fonte entender que, mais importante do que a usurpação do espaço utilizado pela via, terá sido o facto de a nova via ter sido aberta em propriedade régia. Se não estranha este facto, tendo em conta a nossa fonte (as Inquirições de D. Afonso III), não deixa, contudo, de ser de notar que a via tinha, entretanto, sido refeita.

Na documentação por nós compulsada, procurámos obter, ainda, dados que dissessem respeito a direitos de aposentadoria e jantar. Não sabemos até que ponto estes direitos se relacionam com a rede viária, sendo difícil de estabelecer uma relação causa-efeito com origem num ou outro elemento. Todavia, é possível que o facto de as comitivas se dirigirem a um determinado mosteiro por uma via concreta servisse como catalizador para a melhoria dessa mesma via ou para a criação de um hábito na sua utilização. Ainda que estejamos a falar de uma obrigação anual, segundo Avelino de Jesus da Costa “a comitiva era numerosa, fazendo-se acompanhar de carros, cavalos, cães e aves de caça e demorando mais de um dia”⁸⁴.

3.3. Vias medievais

Via 1 – Guimarães – Braga

Esta via foi estudada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁸⁵. Dela nos fazem menção, igualmente, os diversos monógrafos que trabalharam Guimarães. O Pe. Torquato de Azevedo⁸⁶, diz-nos:

⁸² V.M.H., P. II, CCLIX, p. 256.

⁸³ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 276.

⁸⁴ COSTA, 1959, I: 73-74.

⁸⁵ ALMEIDA, 1968: 163-164.

⁸⁶ AZEVEDO, 2000: 323-324.

Da mesma Praça [do Toural] para a mesma parte de norte sahe a rua da Fonte Nova, que chegando à torre e porta de Nossa Senhora da Graça, dá lugar a que ali principie a rua de Santa Luzia para poente até ao terreiro, que tem a capella da dita Santa. Neste se divide para norte a rua do Picoto, e para poente continúa a rua da Calçada, que é estrada para a cidade de Braga, e para sul se divide do terreiro a rua do Bimbal.

Também Craesbeeck⁸⁷ a ela se refere nos seguintes termos:

a porta de Santa Lusía, segunda em ordem da nova muralha, correspondente a ponte de S. João, por outro nome Pedrinha, estrada publica para a cidade de Braga, Ponte de Lima, e mais teras desta provincia

A ligação entre Guimarães e Braga não pode restringir-se, portanto, a uma só via. A mais comum saía de Guimarães pela zona da Capela de Santa Luzia, onde havia uma gafaria⁸⁸ e, passando pelo tanque ali existente, seguia pela rua da Calçada⁸⁹. Em época que não conseguimos determinar, terá sido construída uma ponte, então conhecida por ponte de Santa Luzia, sobre o rio Merdeiro ou Merdário (o rio Herdeiro, como, por subtil pudor linguístico, foi diversas vezes apodado pelos monógrafos de Guimarães). Ao descrever este rio, diz o Pe. Torquato de Azevedo⁹⁰:

em pouca distancia de seu nascimento se lhe juntam alguns ribeiros, que o fazem tão poderoso, que para não impedir a passagem a quem quer hir para Braga, se lhe fundou uma ponte de pedra lavrada no lugar da Bandeira, e se chama ponte de Santa Luzia, por ser estrada da dita porta da villa, que vae para a ponte de S. João: por a dita ponte vae o caminho para a igreja de Nossa Senhora da Conceição, por estar situada entre ella, e a de Caneiros, havendo entre a villa e a dita ponte um pequeno passeio.

O contraste entre a ponte e o rio ao qual ela permite a passagem é evidenciado por alguns autores. Assim nos informa o Pe. António Ferreira Caldas⁹¹:

pela sua extensão, e notável altura com um espaçoso arco, é mais um viaduto para serviço da antiga estrada de Braga, do que uma ponte levantada para dominar o humilde regato.

Também o Pe. Carvalho da Costa⁹² se lhe refere nos seguintes termos: «huma ponte de pedra lavrada, que chamão de Santa Luzia, tão alta, & magestosa, que he mal empregada em coisa tão pouca».

⁸⁷ CRAESBEECK, 1992: 83.

⁸⁸ ALMEIDA, 1968: 193.

⁸⁹ COSTA, 1706: 58; ALMEIDA, 1968: 193.

⁹⁰ AZEVEDO, 2000: 498.

⁹¹ CALDAS, 1996: 143.

⁹² COSTA, 1706: 116.

Deste ponto, a estrada seguia em direcção à ponte de Caneiros, mais tarde conhecida, como já vimos, pelo nome de ponte de Nossa Senhora da Conceição, devido à proximidade da capela com aquela invocação⁹³. A parte deste troço deverá corresponder a “via de Amorosa” referida nas inquirições de 1258⁹⁴. Após a passagem da ponte de Caneiros, aparecia um primeiro desvio.

Os autores clássicos parecem tender para o facto de a estrada principal para Braga seguir directa a Caldelas⁹⁵. Deveria passar em S. João de Ponte, na antiga calçada romana que descia à Ínsua. Aí, um barco permitia a passagem do Ave durante o Inverno. A expressão «portum auis» aparece-nos em 1248⁹⁶. No Verão, contudo, a passagem poderia ser feita a vau, quando a deslocação se procedia a cavalo, ou por poldras, para os que se deslocavam a pé⁹⁷. Daqui, a estrada deveria seguir a S. Martinho de Sande, até ao sítio de Quatro Irmãos.

Uma outra via alternativa se apresenta, desde a ponte de Caneiros, para aqueles que se deslocavam com carros⁹⁸. Fazendo um desvio para Oeste, a estrada passava por Fermentões, onde as referências a vias são, na documentação medieval, frequentes e onde havia direito de aposentadoria do prestameiro no casal onde habitava Mendo Gonçalves (v. Tabela 2, 29). Seguia, então, a S. João de Ponte, onde a ponte de Campelos permitia a travessia do Ave. A esta solução se referem Craesbeeck⁹⁹ e Carvalho da Costa¹⁰⁰. Daqui, a estrada seguiria por Vila Nova de Sande, Sande S. Clemente e Sande S. Martinho, reencontrando-se com o eixo Taipas – Braga no sítio de Quatro Irmãos. Em Vila Nova de Sande e em Sande S. Martinho havia, para com o arcebispado de Braga, obrigação de um Jantar, pelo que o trajecto do final de dia de uma visitação deveria, quase obrigatoriamente, passar por estas duas estruturas monásticas (v. Tabela 2, 77 e 91).

A via dirigia-se, então, para Norte, provavelmente até ao lugar hoje conhecido por Duas Vendas, em Sande S. Lourenço. É nossa convicção de que haveria aqui duas hipóteses de caminho para Braga. Um, dirigia-se por Balazar, passando primeiro pela freguesia de Santa Maria de Pousada. Dali, passando pelo Alto da Morreira e rodeando o monte de Santa Marta, facilmente se chegaria a Braga, com cotas de terreno mais suaves, através de Morreira e Trandeiras. A segunda solução, e também a mais tradicional, seria a passagem por Santa Cristina de Longos, seguida da

⁹³ COSTA, 1706; 115.

⁹⁴ V.M.H., P.II, CCLIX, p. 141.

⁹⁵ AZEVEDO, 2000: 497; COSTA, 1706: 115.

⁹⁶ V.M.H., P. II, CCXL, p. 211.

⁹⁷ AZEVEDO, 2000: 496; ALMEIDA, 1968: 193; COSTA, 1706: 114.

⁹⁸ ALMEIDA, 1968: 193-194.

⁹⁹ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁰⁰ COSTA, 1706: 114.

íngreme subida da Falperra até Espinho¹⁰¹. Para ela contribui a descrição dos feitos de Martim Sanches, ao referir que a passagem para Guimarães é feita pela Portela de Espinho¹⁰². Baseados na documentação compulsada cremos, porém, que quer uma quer a outra hipótese poderão ser viáveis. De facto, sabemos, pelo Censual de Entre Lima e Ave, que Santa Maria de Pousada estava obrigada a um Jantar¹⁰³ e, por outro lado, sobre S. Felix de Mourizô é dito, nas Inquirições de 1220, que «*debet pausare Dominus terre*»¹⁰⁴ e, nas de 1258, que é «*pausa de Rico homine*»¹⁰⁵.

Postas estas hipótese para o *terminus* do percurso desta via na zona de Guimarães, estamos de alguma forma convencidos de que a travessia por Balazar e Morreira deveria ter, pelo menos entre o séc. IX a XI, uma importância, equiparável, à daquela que obrigava a subir a Falperra. De facto, se por um lado a própria orografia transforma esta zona numa via natural de passagem, os castelos roqueiros do Monte do Outinho e de Santa Marta¹⁰⁶ parecem, por seu turno, estar estrategicamente localizados de forma a permitir uma maior eficácia no seu controlo.

Via 2 – Guimarães – Póvoa de Lanhoso

A ligação de Guimarães a Póvoa de Lanhoso foi descrita, também, por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁰⁷. Dela, diz-nos Craesbeeck¹⁰⁸:

a porta de S. Antonio, chamada de Guarrida, segunda em ordem e primeira na cuituação da nova muralha, comessada pello Senhor Rey D. Affonso 3º, Conde de Bolonha: via regea para a ponte de Donim, comunmicação para as terras de Lanhoso, S. João de Rey e Bouro (primeira via de Adriano que penetrava o Reino de Galisa).

Saía-se, portanto, para a Póvoa de Lanhoso, por Norte, isto é, ladeando a Vila do Castelo. O trajecto inicial era feito pela Arcela, passando pela Madre de Deus e descendo a Calçada de Azurém. Talvez, mas não temos disso qualquer prova, se localizasse aqui a «*carrariam que ducit ad castelum*», referida nas Inquirições de 1223¹⁰⁹. A travessia do Selho fazia-se pela ponte de S. Lourenço de Selho. Daqui, a via seguiria por Louredo e entrava na freguesia de Gominhães passando

¹⁰¹ ALMEIDA, 1968: 194.

¹⁰² V.M.H., P. II, CXCVIII, p. 188; ALMEIDA, 1968: 194.

¹⁰³ COSTA, 1959, V. 2: 54.

¹⁰⁴ V.M.H., P. II, CCLIV, p. 154.

¹⁰⁵ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 269.

¹⁰⁶ BARROCA, 2004: 184-185.

¹⁰⁷ ALMEIDA, 1968: 163.

¹⁰⁸ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁰⁹ V.M.H., P. II, CCI, p. 190.

à Portelinha, onde franqueava a serra. Em Gominhães aparecem, por duas vezes, na documentação medieval por nós consultada, termos relacionados com vias de comunicação (v. Tabela 2, nº 33). Descia a via, então, até Agras, já em Souto S. Salvador, passando a Oriente do Mosteiro.

O caminho seguia, daí, até à igreja de Santa Maria de Souto, sempre em direcção a Norte, até chegar à ponte de Donim, onde fazia a travessia do Ave.

Vencido o rio, inflectia então para a direita em direcção à capela de S. Bento, já na freguesia de Santo Emilião, pertença do mosteiro beneditino de Tibães.

A via seguiria, finalmente, por Campos, Louredo até chegar a Póvoa de Lanhoso.

Até à edificação da ponte de Donim, que, como vimos, terá ocorrido em 1192, a via que servia de ligação entre Guimarães e Póvoa de Lanhoso far-se-ia, muito provavelmente, na travessia de S. Cláudio de Barco¹¹⁰. Neste caso, o caminho deveria seguir por Rial até Sto. Estêvão de Briteiros, atravessando toda esta freguesia, provavelmente por Linhares e, entrando em Donim, dirigia-se a Sto. Emilião.

Somos obrigados a incluir aqui uma ligação a Braga adiantada pelo Pe. Torquato de Azevedo¹¹¹. Segundo este autor, o Barco de S. Cláudio dava passagem de Guimarães a Braga, seguindo por Briteiros. Tratar-se-ia, portanto, de uma variante à via anteriormente descrita que aproveitaria o primeiro tramo desta segunda via.

Finalmente, ainda sobre esta via e como já vimos, diz-nos Craesbeeck¹¹² que dava ligação a S. João de Rei e Bouro.

Via 3 – Guimarães – Vieira do Minho

Esta seria, porventura, uma das vias mais percorridas no território da Guimarães medieval, pois dava ligação ao mosteiro de S. Torcato, um dos locais de peregrinação mais importantes do Norte de Portugal durante a Idade Média. A ela se refere o Pe. Torquato de Azevedo¹¹³ ao referir a Capela da Madre de Deus:

Está esta capella [Madre de Deus] situada na freguezia de S. Pedro de Azurei, pouco distante da villa para nascente, com uma alpendrada que recolhe a porta principal para poente, na estrada que vae para o mosteiro de S. Torquato.

Também Craesbeeck¹¹⁴ a menciona nos seguintes moldes:

¹¹⁰ Cf. ALMEIDA, 1968: 193.

¹¹¹ AZEVEDO, 2000: 496.

¹¹² CRAESBEECK, 1982: 83.

¹¹³ AZEVEDO, 2000: 332.

¹¹⁴ CRAESBEECK, 1992: 83.

[Da porta] de Santa Barbora, mais vesinha do castello; susçede a estrada regea para a ponte de Mem Guterres, vulgarmente chamada de Dominguos Terres; comunicação para as terras de Basto, Barroso, e outras mais de Tras os Montes.

Até à ponte de S. Lourenço de Selho, recorria esta via o mesmo traçado da via descrita anteriormente (Guimarães – Póvoa de Lanhoso). Da ponte de S. Lourenço de Selho, seguia para Nordeste, directamente para S. Torcato. Sabemos, pelas Inquirições de 1258¹¹⁵ que Johannes Forjaz tinha, em S. Torcato, duas vinhas, uma «super» e outra «subtus viam de Galilea». Se aceitarmos a associação do topónimo «Galilea», que nos aparece nas Inquirições, com o actual topónimo «Grilé», associação que colocamos como mera hipótese não sendo essa uma especialidade nossa, temos uma referência exacta do local por onde passaria esta via. Para todos os efeitos, parece ser este o caminho mais natural até chegar ao Mosteiro de S. Torcato. Aqui, como lembra Carlos Alberto Ferreira de Almeida, «além do centro de peregrinação havia uma leprosaria»¹¹⁶.

De S. Torcato, a via dirigia-se, com passagem do Ave na ponte de Domingoterres, a Rossas e Vieira do Minho¹¹⁷. Por Craesbeeck¹¹⁸ podemos colocar S. Torcato no caminho de outros destinos como Basto, Barroso e Trás-os-Montes. O acesso a Basto, contudo, se bem que possível, parece-nos um pouco desajustado do quadro geográfico. De Guimarães, a via mais directa para aquelas terras deveria ser a que passava por Fafe e que adiante veremos.

Há duas hipóteses que se levantam para o prosseguimento da via desde S. Torcato. A primeira, para Norte, passaria pela paróquia de S.ta Lucrecia de Xisto, Santiães e chegaria a Gonça. Daqui, inflectiria para Este, passaria por Portela ladeando pelo Sul os Montes de Gonça e Penas Aldas até chegar a Freitas (Fafe). Em Gonça ficaria, ainda, facilmente resolvido o problema da passagem em direcção a Garfe, para Norte e, daí, em direcção a Este, rapidamente se atingiria a ponte do Turio, dando ligação a Castelões e Sobradelo da Goma.

A segunda hipótese prende-se mais com a documentação medieval. As Inquirições de 1258 mencionam como local de «hospicium Prestamarii» três casais localizados em Segade¹¹⁹. Não podendo encontrar um significado exacto para a tradução de *hospicium*, estamos em crer que se possa relacionar com um direito de aposentadoria. Curiosamente, após mencionar os deveres dos «homine de Segadi», o mesmo documento refere os três casais de Pousada, sem que refira prática seme-

¹¹⁵ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 293.

¹¹⁶ ALMEIDA, 1968: 193.

¹¹⁷ ALMEIDA, 1968: 192; AZEVEDO, 2000: 497; COSTA, 1706: 115.

¹¹⁸ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹¹⁹ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 293.

lhante, o que não estranha tendo em conta que, pelo menos um deles, pertence ao Mosteiro de Arnóia¹²⁰. Por Segade, facilmente se chegava às Quintãs, em Rendufe e, passando pela Cancela da Portela, a Travassos (Fafe).

A ligação de S. Torcato a Basto, tal como foi sugerida por Craesbeeck, facilmente se resolveria nesta travessia. Quanto às ligações à ponte de Domingoterres, a solução para Norte é viável em qualquer um dos trajectos apresentados.

Via 4 – Guimarães – Fafe

Quando o destino era Fafe, saía-se por Este. Após a construção das muralhas, era a porta da Freiria, mais tarde também conhecida como Porta de Santa Cruz, aquela que servia esta via. A ela se referiram Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹²¹ (1968, pp. 191-192) e Francisco Xavier da Serra Craesbeeck¹²². Assim nos diz este autor que:

a [porta] de Santa Crus ou Frieiria, correspondente à ponte de Bouças, via vulgar que comunica para os julgados de Roças, Villa-Boa, Ribeira de Soas e outras circunvesinhas.

Uma outra saída, neste caso para os habitantes do Castelo, deveria ir directa à Cruz da Argola.

Seguia-se primeiro até Mesão Frio, rodeando por Norte a Serra de Santa Catarina, através da «uiam publicam que uadit ad sanctum Romanum»¹²³. Entre Mesão Frio e Atães não temos mais referências documentais que nos apontem para a passagem de vias. Apresentamos, por isso, uma hipótese que nos parece viável.

Em Mesão Frio, passaria entre a Adeganha e a Devesa. Descia, então, até ao Vale de Atães, vencendo-o na zona de Arrebetão. Começava a subida em direcção a Venda e, atravessando a Portela, passaria por Carvalhinho¹²⁴ e chegaria a S. Romão de Arões (Fafe). Daqui, pela ponte de Bouças¹²⁵, sobre o Vizela¹²⁶, rapidamente atingiria Fafe.

¹²⁰ Cf. V.M.H., P. II, CCLIX, p. 293.

¹²¹ ALMEIDA, 1968: 191-192.

¹²² CRAESBEECK, 1992: 83.

¹²³ V.M.H., P. II, CI, p. 89; cf. ALMEIDA, 1968: 191.

¹²⁴ ALMEIDA, 1968: 191.

¹²⁵ Para esta ponte, deixou legado testamentário Gonçalo Gonçalves em 8 de Julho de 1292 (Guimarães, 1909, N° XLIX, pp. 22-23).

¹²⁶ ALMEIDA, 1968: 191; CRAESBEECK, 1992: 83.

Seria esta, e não a anterior, conforme já tivemos a oportunidade de referir, a via preferencial de acesso às Terras de Basto mas, também, ao interior transmotano. Por esta via se chegava a Arco de Baulhe e Cavez¹²⁷.

Via 5 – Guimarães – Amarante

Do Campo da Feira, saía-se em direcção à Ponte de Pombeiro¹²⁸. De facto, isso nos diz o Pe. Torquato de Azevedo¹²⁹:

A outra ametade do campo [Campo da Feira] alem do regato da parte do sul é fechada de nascente com a rua das Pretas, pelo sul com a rua da Barroca, em que tem estrada publica para a villa de Amarante, e para o mosteiro das freiras capuchas de Santa Izabel, continuando o regato para poente está a rua da Ramada, que tem principio junto da ponte.

E Francisco Xavier da Serra Craesbeeck¹³⁰ descrevendo as muralhas e portas de Guimarães, também a refere nos seguintes termos:

a setima [porta] he a do Campo da Feira, correspondente à ponte de Pombeiro, devisão e comunicação de Filgueiras, Amarante.

Em determinado momento que não conseguimos descortinar, foi construído naquele espaço maior dos arrabaldes de Guimarães uma ponte de padieiras que permitia atravessar o rio de Couros¹³¹.

O caminho seguia, segundo o Pe. Torquato de Azevedo¹³², pelo Convento das Capuchas e, continuando esse trajecto, pensamos que deveria chegar ao lugar do Pinheiro. Inflectiria, então, para Sul, até à Portela, já em Urgezes. Daqui seguiria para Sudeste, por Laje, Entre-as-Vinhas, Norte de Cima, passando ao lado de S. Salvador de Pinheiro e a Norte de S. Tomé de Abação, chegando ao lugar da Cancela. Pouco antes, perto da Pena Brava, é tradição de ali ter havido uma muda de cavalos, se bem que esta possa ser mais tardia e estar relacionada com a estrada real. Daqui seguiria para Vila Azevedo, Sizarado, Venda da Serra e, descendo por Serzedo, a Este do Vale de Eiriz, até às Bouças do Arco.

¹²⁷ ALMEIDA, 1968: 191-192. Nos testamentos de João Diogo, de 1 de Outubro de 1263, e de Marinha Pires, de 5 de Dezembro de 1267, são deixados legados à ponte de Cavez e de Ourense (Cf. Guimarães, 1909, N° XXXI, p. 16 e N° XXXIII, p. 17).

¹²⁸ ALMEIDA, 1968: 190.

¹²⁹ AZEVEDO, 2000: 320.

¹³⁰ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹³¹ AZEVEDO, 2000: 499; CALDAS, 1996: 143; COSTA, 1706: 116.

¹³² AZEVEDO, 2000: 320.

A via encontrava aqui a ponte do Arco de Pombeiro e, em seguida, a calçada romana que, depois de passar próximo do mosteiro beneditino, se dirigia a Felgueiras e Amarante¹³³.

Via 6 – Guimarães – Entre-os-Rios

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹³⁴, «esta estrada saía de Guimarães em conjugação com a do Porto». Não parece concordar, contudo, com o início que nos é transmitido por Craesbeeck¹³⁵, que aponta a Torre Velha como início da via: «a sexta porta he da Torre Velha, correspondente à ponte das Caldas, comunicação para as Terras de Ferreira, e outras da Comenda do Porto». Tendemos a concordar mais com a versão deste último autor, dado que o traçado que propomos poderia passar ou pela zona de Couros ou pela zona Caldeiroa.

Daqui, o viajante entrava em Urgezes, passava pela Quinta das Aldeias até ao local onde, mais tarde, se erigiu a Capela de Nossa Senhora dos Remédios. Seguia, então, à Portelinha, já em Covas, em direcção a Polvoreira. Daí passava a Este do monte da Polvoreira, eventualmente pela Portelinha, depois por Batoucos e, por aí, entrava em Infias.

De Infias dirigia-se às Caldas de Vizela, atravessando o rio pela ponte romana. A estrada seguia, então, até Penafiel, passando depois ao Marco de Canavezes e Entre-os-Rios¹³⁶. Esta seria a via que, segundo Craesbeeck¹³⁷, ligava igualmente a Paços de Ferreira.

Via 7 – Guimarães – Porto

A ligação entre Guimarães e o Porto foi já estudada, tal como as anteriores, por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹³⁸ sendo igualmente referida por Mário Jorge Barroca¹³⁹.

Sobre esta via, diz-nos o Pe. Torquato de Azevedo¹⁴⁰:

Do cruzeiro, em que pára a rua nova das Oliveiras, dá principio a rua das Molianas para a parte do vendaval, e vae parar no rocio da Madrôa, (...) em que tem uma ponte de

¹³³ ALMEIDA, 1968: 190-191.

¹³⁴ ALMEIDA, 1968: 189.

¹³⁵ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹³⁶ ALMEIDA, 1968: 190.

¹³⁷ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹³⁸ ALMEIDA, 1968: 188-189.

¹³⁹ BARROCA, 2000: 2.

¹⁴⁰ AZEVEDO, 2000: 322-323.

pedra, continuando esta rua para o vendaval, se encontra com a rua da Cruz de Pedra, e por aqui sahe o caminho para a cidade do Porto.

Craesbeeck¹⁴¹ também a menciona, dizendo-nos durante as descrições das portas da cidade de Guimarães: «a quinta porta é o postigo de S. Pajo, caminho publico para a ponte de Negrellos e Real, a dita para a cidade do Porto, e demarcação de seo districto».

Esta estrada tinha a sua saída de Guimarães pela zona Sul, seguindo pelas ruas da Oliveira e das Molianas. Na Madroa houve uma ponte «de pedra e de um só arco»¹⁴², mas não sabemos quando terá sido construída. A esta ponte, que permitia atravessar o rio de Couros, referiu-se também o Pe. Torquato de Azevedo¹⁴³. A passagem desta via pela Madroa é referida pelo Pe. Carvalho da Costa¹⁴⁴. Daqui, seguiria à zona da Cruz de Pedra¹⁴⁵, passando apenas por pouco espaço na freguesia de Urgezes.

Seguia a via por Creixomil, pela zona do Salgueiral, Vista Alegre e, já entrados em Mascotelos, chegava à Igreja de S.to Amaro. A estrada entrava, então, em S. Tiago de Candoso. Dizem-nos as Inquirições de 1220 a esta paróquia que, aqui, uma *quintana* «est pausa regis»¹⁴⁶. Tal informação leva-nos a traçar a via por esta freguesia, ainda que sejam omissos mais elementos que permitam uma correcta localização de tal *quintana*.

A via descia do monte Pombeiro, ladeando por Noroeste o monte do Pedral, em direcção à igreja de S.ta Eulália de Nespereira, passava pelas Uveiras e Portela. Depois, seguia, já em Conde, por Baço de Boi e entrava na freguesia de Moreira de Cónegos, onde um documento de confrontações de 961 menciona a existência de uma «carreira»¹⁴⁷.

A estrada dirigia-se, então, à ponte de Negrellos, onde cruzava o Vizela, em direcção a Santo Tirso e Porto.

No monte da Senhora do Monte, nas confrontações de Serzedelo e Conde, mais conhecido, na Idade Média como *Mons Cavallus*, terá havido um castelo roqueiro¹⁴⁸. É de crer que, tal como já referimos nos casos de Santa Marta e Monte

¹⁴¹ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁴² CALDAS, 1996: 143-144.

¹⁴³ AZEVEDO, 2000: 499.

¹⁴⁴ COSTA, 1706: 57.

¹⁴⁵ AZEVEDO, 2000: 323.

¹⁴⁶ V.M.H., P. II, CXCIV, p. 145.

¹⁴⁷ V.M.H., P. I, XII, p. 13; ALMEIDA, 1968: 189.

¹⁴⁸ BARROCA, 2004: 184.

do Outinho, também este castelo possa ter sido edificado por motivos estratégicos e de controle desta passagem.

Nas Inquirições 1258 aparece uma referência, em Urgezes, à estrada do Porto: «stratam Portus»¹⁴⁹. Tal facto foi já apontado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁵⁰ como demonstrativo da passagem da estrada de Guimarães ao Porto por esta freguesia. Não conseguimos justificar esta referência, já que as informações de que dispomos apontam para que esta via não seguisse por Urgezes. Esta situação poderá estar relacionada com o facto de a paróquia de Urgezes ter limites distintos aos actuais e que terão sido alterados entre os séculos XIII e XIV com a constituição das novas paróquias de S. Paio e S. Sebastião, na zona urbana de Guimarães.

Via 8 – Guimarães – Vila do Conde

À via que, de Guimarães, se destinava a Vila do Conde, encontramos diversas referências nos autores que temos vindo a trabalhar. Foi, igualmente, já apresentada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁵¹.

A ela faz menção o Pe. Torquato de Azevedo¹⁵², nos seguintes termos:

Tornando à Praça do Tournal, na parte do norte se caminha pela rua de S. Domingos para poente até à Travessa que tem o cruzeiro, que a divide da rua dos Gatos, e se caminha por esta para poente até o rocio de S. Lazaro (...). Deste Rocio para a parte de poente, vae a estrada para Villa do Conde.

Craesbeeck¹⁵³, por seu turno, refere-a deste modo, ao descrever as portas de Guimarães:

a quarta porta, intitulada de S. Dominguos, terceira em ordem da nova muralha, via regea para a ponte de Cervas, çita entre os confins de Guimarães e Barcellos, por onde se comunicação ambas, e se penetrão as terras daquella villa e as da Maia, e mais circunvizinhas.

Saía, portanto, esta via do Tournal, pela rua de Gatos, junto ao Mosteiro de S. Domingos¹⁵⁴, passava pela gafaria de S. Lázaro¹⁵⁵, seguindo aos Pombais, já em Creixomil e, passando pela veiga, chegava à ponte da Pisca. Este trajecto não

¹⁴⁹ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 309.

¹⁵⁰ ALMEIDA, 1968: 189.

¹⁵¹ ALMEIDA, 1968: 194-195.

¹⁵² AZEVEDO, 2000: 323.

¹⁵³ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁵⁴ AZEVEDO, 2000: 323; COSTA, 1706: 115; CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁵⁵ ALMEIDA, 1968: 194.

apresenta dúvidas pois o Pe. Torquato de Azevedo¹⁵⁶ coloca, como podemos ver, a passagem da estrada junto à capela de Nossa Senhora da Luz:

A capella de Nossa Senhora da Luz, situada no lugar do Miradouro, no districto de Creixomil, junto da estrada para Villa do Conde: tem a porta principal para o poente, coberta de alpendrada sobre columnas de pedra, e uma travessa para o norte.

Aqui, portanto, cruzava o Selho, acompanhando-o e seguindo a Sul de Mouril e até ao lugar de Torneio, já em S. Jorge de Selho.

Na Inquirição de 1258 a S. Jorge de Selho aparece mencionada uma via no lugar de Carreiro: «et in Carreiro una leira ultra viam et citra viam»¹⁵⁷. Não nos foi possível, contudo, localizar este lugar.

O transeunte deveria encontrar, pensamos, uma bifurcação no lugar de Pevidém. Estamos convictos de que um ramal com direcção a Sudoeste faria a ligação à ponte do Soeiro e, daí, pela Niscra, a Riba-de-Ave ou a Negrelos, pelo Mosteiro de Serzedelo.

A via destinada a Vila do Conde seguia, desde aquele ponto em Pevidém, em direcção à ponte de Serves, passando por Famalicão. Segundo Craesbeeck¹⁵⁸, como vimos, havia igualmente uma ligação a Barcelos desde a ponte de Serves. Não possuímos mais dados sobre este troço da via, podendo, certamente, fazer-se passando por Vila Nova de Famalicão.

Via 9 – Guimarães – Barcelos

Ao contrário das vias anteriores, a ligação entre Guimarães e Barcelos não foi descrita por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁵⁹. Ela é-nos sugerida, contudo, pelos autores que temos vindo a trabalhar mas, também, por alguma da documentação compulsada.

Com destino a Barcelos havia, para quem saía de Guimarães, duas soluções. A primeira foi apresentada na descrição da Via 8 e é-nos sugerida, como vimos, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck. A segunda, dizem-nos Torquato de Azevedo¹⁶⁰ e Carvalho da Costa¹⁶¹, parte de Campelos. Tudo leva a crer, portanto, que o primeiro troço, entre Guimarães e a ponte de Campelos, seria comum ao da estrada para Braga que já anteriormente descrevemos.

¹⁵⁶ AZEVEDO, 2000: 333.

¹⁵⁷ V.M.H., P. II, CCLIX, p. 297.

¹⁵⁸ CRAESBEECK, 1992: 83.

¹⁵⁹ ALMEIDA, 1968.

¹⁶⁰ AZEVEDO, 2000: 495.

¹⁶¹ COSTA, 1706: 114.

De Campelos, devia a estrada seguir até à freguesia de S. João de Brito. Sobre a «Quintana de Paazao», em Brito, dizem-nos as Inquirições de 1220 que «est ibi pausa domini Terre»¹⁶². O Censual de Entre Lima e Ave, por seu lado, informa-nos da obrigatoriedade de Jantar nesta paróquia¹⁶³. Por um documento de 1146, sabemos que Onega Diaz doa uma propriedade cujo termo passa por uma «viam veteram»¹⁶⁴.

A estrada iria, então, talvez ao lugar da Carreira, na encosta do Alto da Forca, e passaria em Além, Sapielos e Padronelo. Daqui, seguiria ao Serrado e entrava na freguesia de S. Martinho de Leitões. Seguia, provavelmente, por Cabo, Insuela, Venda e atravessava a montanha em Almorro, atingindo aí Morreira. O troço deveria acompanhar, pelo menos parcialmente, o caminho real descrito, para a freguesia de S. Paio de Figueiredo, por Manuel Marques¹⁶⁵.

Não conhecemos o traçado que seguia posteriormente. Contudo, olhando para a cartografia, facilmente deduzimos que a estrada mantinha o seu rumo Noroeste para Aveleda e Martim e, daí, se dirigia a Barcelos.

4. AS VIAS MEDIEVAIS COMO ELEMENTO DE ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO

As pontes medievais existentes no concelho de Guimarães são uma expressão da importância que, para os homens da Baixa Idade Média, teve a reestruturação da rede viária. Às três grandes pontes de origem romana, Campelos, Pombeiro e Negrelos, unem-se agora outras duas de grande porte, Donim e Serves, capazes de dar uma melhor resposta à travessia do Ave. São pontes que permitem contactos mais eficazes, inibindo as dificuldades das travessias a vau ou por barca, não só a pessoas como, e talvez mais importante, às mercadorias transportadas em veículos de tracção animal.

A estas pontes acrescem, como vimos, pelo menos outras sete, de características distintas às primeiras mas, também, entre si: as pontes de cavalete, de um ou dois arcos e os pontilhões, como terá sido o caso da ponte do Carvalhal. Pelo menos duas destas pontes só se podem enquadrar numa leitura das relações a uma escala micro-regional. Tendo em conta a sua proximidade com a ponte do Arco de Pombeiro, não parece que a ponte do Arco de S. João seja necessária para a travessia do

¹⁶² V.M.H., P. II, CXCIV, p. 142.

¹⁶³ COSTA, 1959, V. II: 26.

¹⁶⁴ V.M.H., P. II, LXXXIX, p. 82.

¹⁶⁵ FERREIRA, 2003: 154.

Vizela. A ponte do Soeiro, por seu turno, ainda que se encontre numa das saídas, a Sul, da ponte de Campelos e permita uma via directa para a ponte de Negrelos, não se pode compreender como parte de uma via principal. São pontes construídas com o fim de suprir as necessidades das relações mais imediatas entre povoações que se encontram divididas por um obstáculo natural, mas não tão desunidas que não busquem a promoção de obras, mais ou menos dispendiosas, capazes de fomentar os contactos sociais, comerciais, laborais, políticos, religiosos e outros.

Há, contudo, um outro conjunto de pontes que, ainda que tipologicamente não se distingam especialmente das anteriores, cumprem uma função não só micro-regional mas, e aqui talvez a sua grande importância, permitem o fomento da melhoria de relações a uma escala regional ou macro-regional. Falamos das pontes da Pisca, de Caneiros e de S. Lourenço de Selho. Cada uma destas pontes foi construída para servir uma estrada de acesso regional ou macro-regional: a Pisca na estrada de Famalicão e Vila do Conde, Caneiros na estrada de Braga e Ponte de Lima¹⁶⁶ e, por último, S. Lourenço de Selho na via de Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho. São as pontes localizadas no arco que o Selho forma sobre Guimarães, na sua passagem de Nordeste para Oeste, criando uma barreira à circulação daqueles que pretendiam entrar ou sair do burgo. Curiosamente, mas tal não passará de uma mera coincidência, a cada uma destas pequenas pontes corresponde uma maior também no concelho: de S. Lourenço de Selho chegamos a Donim, de Caneiros a Campelos e da Pisca a Serves.

A contraposição das principais vias romanas que atravessaram o actual território do concelho de Guimarães com as medievais permite, finalmente, reconhecer uma diferença substancial: ao contrário das vias romanas, que atravessam o concelho buscando destinos que se encontram afastados, as vias medievais confluem todas para o centro urbano de Guimarães. Atrevemo-nos, por isso, a caracterizar as vias medievais como endógenas pois elas existem em função de Guimarães, sendo atraídas por um mesmo pólo de radiação – a urbe. As vias servem Guimarães e, por essa razão, dali partem e para lá se dirigem, comportando-se, a novel vila, como um pólo de atracção e dispersão de vias. Tal facto compreende-se pela importância que Guimarães ganha, principalmente, a partir dos séculos XI e XII. As vias romanas, por seu lado, têm origem em Braga e servem a capital da Galaecia. Classificamo-las, por isso, como exógenas. A necessidade de servir os conjuntos termais de Caldelas e Vizela, mas sobretudo a necessidade de criar uma ligação directa entre *Bracara* e *Emerita*, levou a que as vias passassem pelas proximidades da futura Guimarães mas deixando-a, eventualmente, na periferia.

¹⁶⁶ Como menciona CRAESBEECK, 1992: 83.



Fig. 1.
Ponte do Arco de S. João,
Serzedelo.



Fig. 2.
Ponte de Roldes,
Fermentões.



Fig. 3.
Ponte de Donim



Fig. 4.
Aduela com data inscrita na
ponte de Donim.

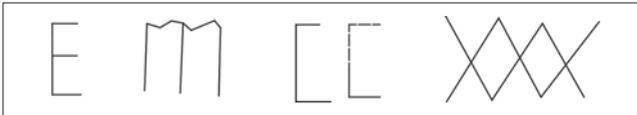


Fig. 5.
Levantamento desenhado da
inscrição da Ponte de Donim.

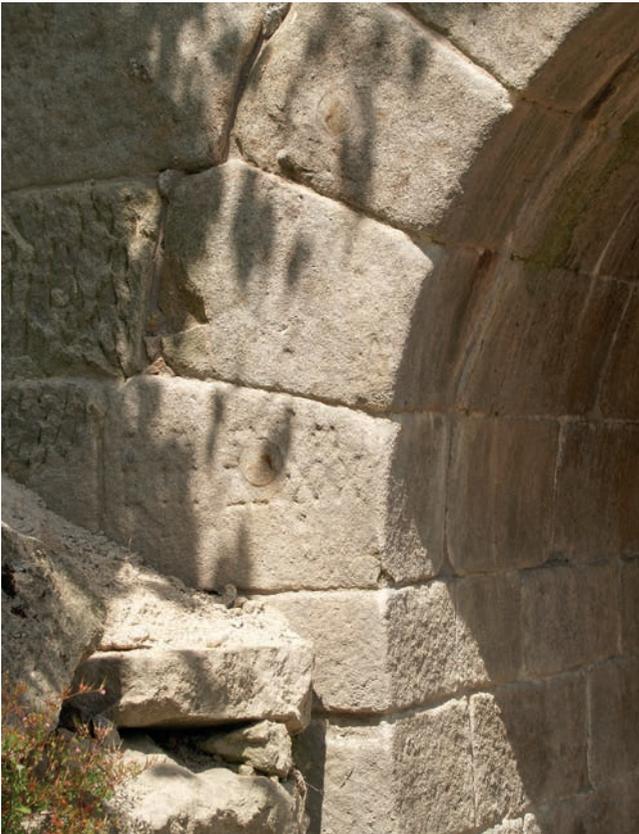
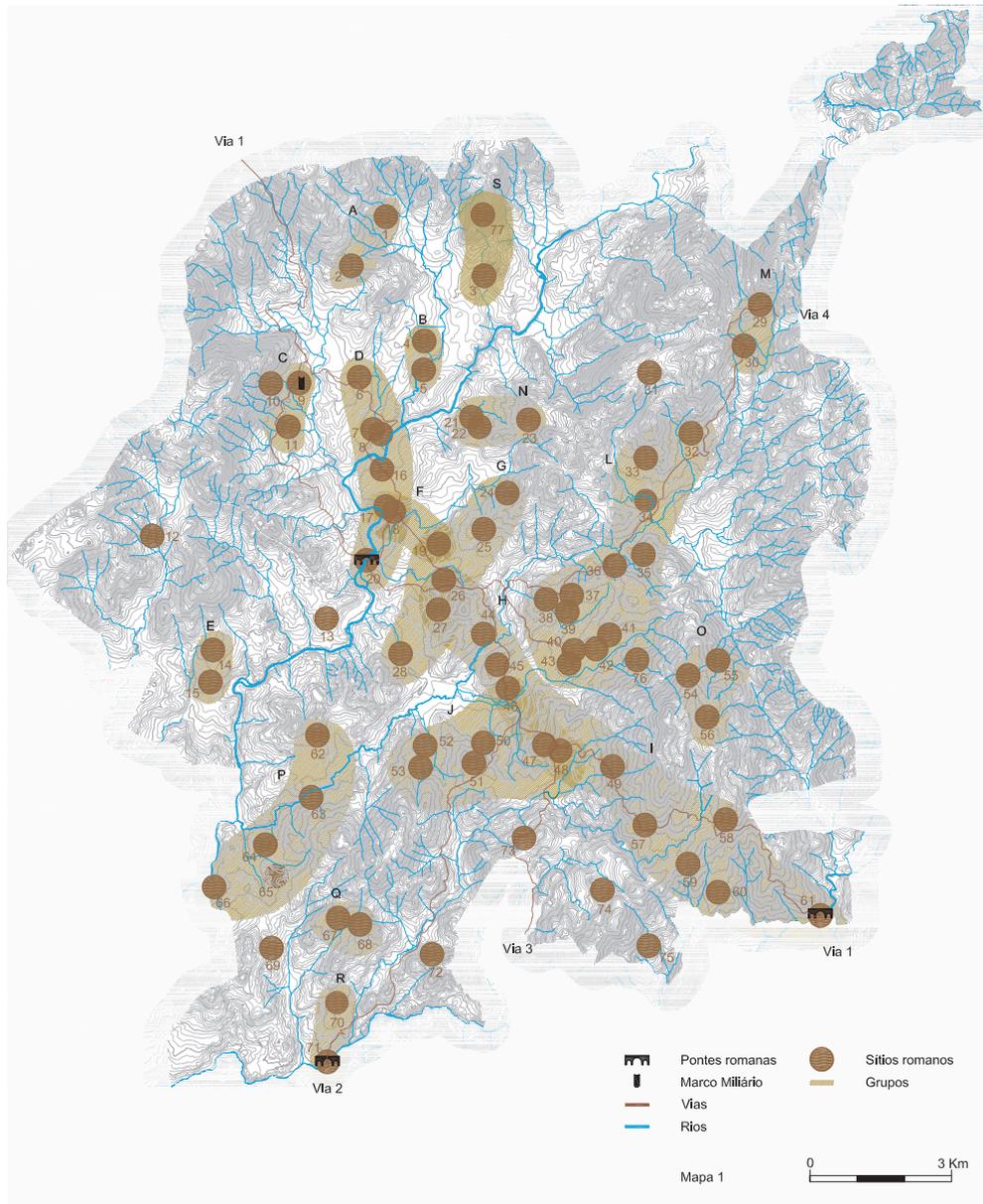
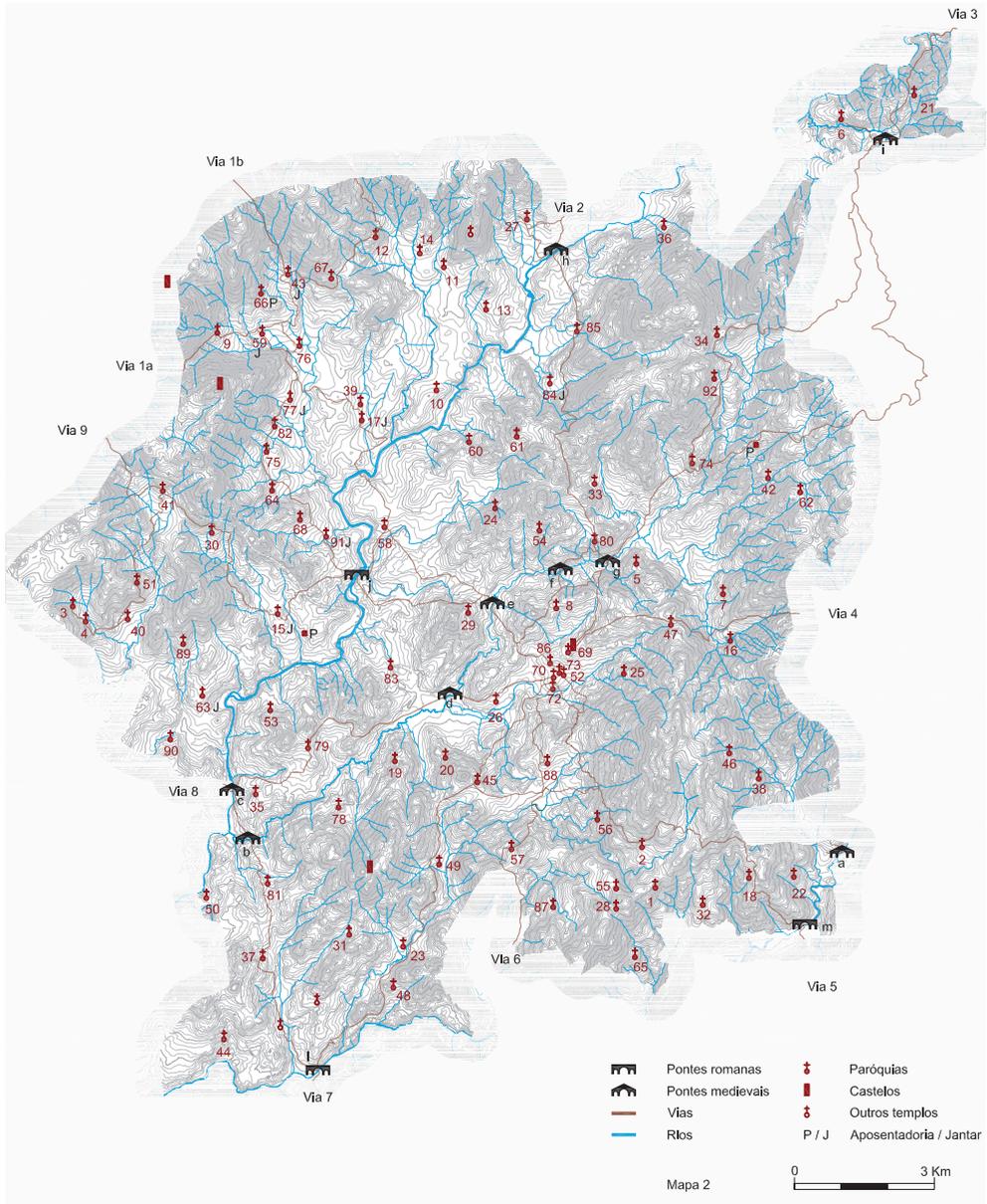


Fig. 6.
Arranque do arco românico da
ponte de Donim.





Mapa 2. Vias, pontes e principais centros de ocupação medievais do concelho de Guimarães.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Adelino Ribeiro de (2009) – *São Martinho de Candoso – ontem e hoje*. Candoso S. Martinho: Junta de Freguesia de Candoso S. Martinho.
- ALARCÃO, Jorge de (1988) – *Roman Portugal*. Vol. I. Introduction. Vol. II. Gazetteer: 1. Porto, Bragança and Viseu: Warminster, Aris & Phillips Ltd.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (s.d.) – *História da Arte em Portugal*. Vol. 3 “O Românico”. Lisboa: Publicações Alfa.
- (1968) – *Vias Medievais. I. Entre Douro E Minho*. Dissertação para Licenciatura em História. Faculdade de Letras do Porto.
- AZEVEDO, Pe. Torquato Peixoto de (2000) – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*. 2ª ed. Guimarães: Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro (Ed.).
- BARROCA, Mário Jorge (2000b) – *Recuperação da Estrada Medieval na Zona da Pisca*. Parecer apresentado à Câmara Municipal de Guimarães em 8 de Fevereiro de 2000.
- (2004) – Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (séc. IX a XI). *Portugália*, 25, p. 181-204.
- CALDAS, António José Ferreira (1996) – *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães e Sociedade Martins Sarmento.
- CAPELLA, Manuel José Martins (1895) – *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*. Porto: Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão.
- CARDOZO, Mário (1990) – *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*. 11ª ed. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- (1964) – *Museus portuguesas de arqueologia. Necessidade da sua modernização*. «Arquivo de Beja», XX-XXI (1963-1964), pp. 73-80.
- CARVALHO, Helena Paula Abreu de (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho.
- COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*. Lisboa; Na officina de Valentim da Costa Deslandes.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1959) – *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- (1981) – *Povoamento e colonização do território vimaranense nos séculos IX a XI*. In *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*. Vol. III. Guimarães: s.n., p. 135-196.
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra (1992) – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro E Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalho de Basto.
- FAURE, Francisco G. C. Líbano Monteiro, org. (2006) – *Ponte de Donim. Algumas notas de cariz arqueológico-histórico*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.
- FERREIRA, Manuel Marques Ribeiro de (2003) – *São Paio de Figueiredo no termo de Guimarães. Uma Monografia*. S. I., Ed. do Autor.
- FERREIRA, Maria da Conceição Falcão (1989) – *Uma rua de elite na Guimarães medieval*. Guimarães: CMG e SMS.
- (2010) – *Guimarães: ‘duas vilas, um só povo’. Estudo de história urbana (1250-1389)*. Braga: CITCM e Universidade do Minho (ICS).

- GARCÍA MARTINEZ, Sonia María (1995) – *La epigrafía romana del concelho de Guimarães. Un estado de la cuestión*. «Revista de Guimãres», 105, p. 139-171. Foi consultada a versão on-line, em 15/09/2010, em http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_09.pdf.
- GUIMARÃES, Francisco José Salgado (1970a) – *O Picoto de Santo Amaro (Guimarães)*. «Revista de Guimarães», 80:1-2, p. 141-150.
- (1970b) – *O Picoto de Santo Amaro (Escavações efectuadas em 1970)*. «Revista de Guimarães», 80:3-4, p. 381-386.
- GUIMARÃES, José Gomes de Oliveira (1901) – *Catálogo do Museu Arqueológico*. «Revista de Guimarães», 18 (1-2), p. 38-72.
- (1908) – *Vimaranis Monumenta Historica a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum*. Guimarães.
- (1909) – *Catálogo dos Pergaminhos Existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MARQUES, José (1990) – *O monacato bracarense em fase de Mudança (Séculos XI-XIII)*. In *Actas do Congresso Internacional do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, vol. I – O bispo D. Pedro e o ambiente político-religioso do século XI. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia – Braga e Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, p. 319-333.
- MOREIRA, Álvaro B. (2006) – *A ponte de Negrelos, S. Martinho do Campo, Santo Tirso*. Câmara Municipal de Santo Tirso: Divisão de Património e Museus. *Fotocopiado*.
- PINA, Luís de (1928) – *Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães (Os Fornos da Ribeira)*. «Revista de Guimarães», 38:1-2, p. 58-63; 38:3-4, p. 205-211.
- (1930) – *Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães. Sepultura luso-romana da Lapinha (Devesa-Escura)*. «Revista de Guimarães», 40 (3-4), p. 96-107.
- SARMENTO, Francisco Martins (1901a) – *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*. «Revista de Guimarães», 18 (1-2), p. 9-29.
- (1901b) – *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*. «Revista de Guimarães», 18 (3-4), p. 117-135.
- (1999) – *Antíqua. Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- (2004) – *Arqueologia. Materiais para a Arqueologia do Entre-Douro-e-Minho*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

